

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**A BUSCA DO SABER NA TERCEIRA IDADE: ESTUDO REALIZADO  
JUNTO AO PROJETO GRUPATI/SESC**

THAIZ BORGES MARTINS

Florianópolis, junho de 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**A BUSCA DO SABER NA TERCEIRA IDADE: ESTUDO REALIZADO  
JUNTO AO PROJETO GRUPATI/SESC**

THAIZ BORGES MARTINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Serviço Social da Universidade  
Federal de Santa Catarina para a obtenção do  
título de Assistente Social, orientado pela Prof.  
Mestre Nilva Souza Ramos.

*Defendido em:  
Fpolis, 04/07/01.*

  
Prof.<sup>a</sup> Krystyna Matys Costa  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSE/UFSC

Florianópolis, junho de 2001

THAIZ BORGES MARTINS

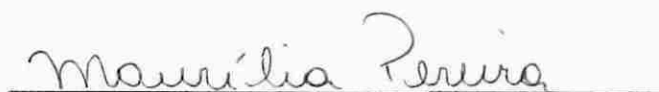
A BUSCA DO SABER NA TERCEIRA IDADE: ESTUDO REALIZADO JUNTO  
AO PROJETO GRUPATI/SESC

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Assistente social  
da Universidade Federal de Santa Catarina, pela comissão examinadora integrada  
pelos membros:



Nilva Souza Ramos

Prof. Mestre da Universidade Federal de Santa Catarina



Maurília Pereira

Assistente Social - Técnica Responsável pelo Setor de Grupos do SESC



Verônica dos Santos Ferreira

Bibliotecária - Técnica Responsável pela Biblioteca do SESC

Florianópolis, junho de 2001

*Faça uma lista dos sonhos que tinha/Quanto você desistiu  
de sonhar/Quanto amor jurado pra sempre/Quanto  
você conseguiu preservar/Onde você ainda se reconhece/Na  
foto passada ou no espelho de agora/Hoje é do jeito que  
achou que seria?*

*Oswaldo Montenegro*



*Dedico este trabalho a meus pais, que são as pessoas mais importantes da minha vida. Sempre me apoiaram em tudo e desde meu nascimento dedicaram-se intensamente para que eu tivesse um futuro promissor e digno.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por se fazer presente em toda a minha caminhada.

A meus pais, por todo o amor, carinho, compreensão e dedicação em todos os momentos da minha vida.

A meus irmãos Ray e Rodrigo, por fazerem parte da minha história.

A meu sobrinho Junior, por mostrar-me a alegria de ser criança, motivando-me com sua criatividade.

À Assistente Social Maria Bernadete Soares Paganí, pelo exemplo de competência, compreensão, amizade e companheirismo.

À Faculdade de Serviço Social.

À Professora Nilva Souza Ramos, pela confiança e dedicação na elaboração deste trabalho.

À Supervisora de estágio Maurília Pereira, por ter compartilhado suas experiências contribuindo para minha formação profissional.

A Selma Junkes, pela credibilidade que me confiou desde o primeiro momento.

Ao SESC – Serviço Social do Comércio, pela oportunidade de estágio.

Aos idosos, pelas experiências compartilhadas e amizades conquistadas.

Aos amigos, Hélio e Michele, que mesmo à distância se fizeram presentes, com suas palavras de conforto e otimismo.

Ao Guilherme, amigo e companheiro, pelo estímulo, carinho e compreensão.

Às colegas do curso, pelas trocas de experiências e amizades intensificadas.

À Simone Borges, pela certeza da nossa grande e sincera amizade.

A todos que de uma maneira ou de outra apoiaram, incentivaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
 <b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1 SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO.....</b>	<b>11</b>
1.1 SESC SANTA CATARINA E SUAS AÇÕES.....	13
1.2 AÇÕES NA ÁREA DE GRUPOS NO SESC.....	22
1.2.1 Núcleos de Vivência, Motivação à Vida e de Estudos e Atualização.....	26
 <b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2 A PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL COM GRUPOS.....</b>	<b>35</b>
2.1 TRABALHO COM GRUPOS.....	36
2.2 O PAPEL DO ASSISTENTE SOCIAL NO TRABALHO COM GRUPOS.....	47
2.3 NOÇÕES DE VELHICE E TERCEIRA IDADE.....	50
2.4 GRUPOS DE IDOSOS.....	60
2.5 GRUPOS DE ESTUDOS PARA A TERCEIRA IDADE.....	63
 <b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3 GRUPATI – GRUPO DE ESTUDOS E ATUALIZAÇÃO DA TERCEIRA IDADE.....</b>	<b>66</b>
3.1 A PESQUISA.....	70
3.2 ANÁLISE DA PESQUISA.....	72
3.2.1 Perfil dos alunos do GRUPATI.....	72
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
 <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso que tem por título “**A BUSCA DO SABER NA TERCEIRA IDADE**”, é baseado em nossa experiência prática adquirida no período de julho de 2000 a junho de 2001 no SESC – Serviço Social do Comércio. O conteúdo apresentado refere-se à experiência junto ao trabalho com grupos de terceira idade, mais especificamente com o projeto GRUPATI – Grupo de Estudo e Atualização da Terceira Idade.

Com o intuito de dar continuidade à proposta do SESC, que é a valorização e a oportunidade de participação efetiva do idoso, foi desenvolvido o projeto GRUPATI, que consiste em oferecer aos idosos participantes a aquisição de novos conhecimentos e a troca de experiências, proporcionando um novo aprendizado.

A escolha do tema do presente trabalho, que é indicar os aspectos que motivam os idosos pela busca do saber na terceira idade, deu-se juntamente a partir das observações que tivemos em relação à busca dos idosos pelo conhecimento. O entusiasmo e a alegria estampados em seus rostos a cada encontro e a determinação com que eles freqüentavam as aulas estimularam nosso interesse por desenvolver este tema.

Inúmeros autores enfatizam a importância da reformulação sobre a abordagem da questão do idoso. Da condição de esquecido e afastado, o idoso passa a desempenhar um papel mais ativo.

Apesar de todo o progresso alcançado, as pessoas ainda não têm consciência de que o envelhecimento é um processo natural e que ocorre com todos. Kaustenbaun (1979) consegue, através de sua definição, agrupar o que muitos autores dizem a respeito do envelhecimento: “Envelhecimento é o processo por que passamos durante toda a vida e que, portanto, tem início muito antes de se chegar à velhice”.

A grande proposta do GRUPATI é a “construção do saber, sem limites de tempo e espaço”, aliada à experiência de vida de cada integrante.

Como estagiária, no setor de grupos do SESC, percebemos a necessidade e a importância de aprofundar os conhecimentos em relação ao trabalho com grupos de terceira idade. Foi através do convívio com o grupo que observamos o valor e a importância que os participantes atribuem ao projeto GRUPATI. Surgiu então a necessidade de conhecermos os fatores que motivam os idosos a participarem deste projeto, bem como identificar os benefícios e transformações decorrentes do mesmo.

A partir dessas observações o presente trabalho foi construído, procurando trazer novas idéias, novas experiências que possam influenciar a execução de projetos alternativos, de alcance social desejável, bem como prestar maiores subsídios com relação a trabalhos com grupos de idosos.

Esperamos com este tema contribuir de alguma forma para o conhecimento a respeito do trabalho com grupos de terceira idade, e que dele derivem outros trabalhos que aprofundem ainda mais este estudo.

Nossa experiência será apresentada neste trabalho em três capítulos. No primeiro apresentaremos o SESC, local de estágio, dando enfoque à sua estrutura organizacional, bem como seus programas e projetos isso pelo fato de nos últimos dois anos terem

ocorrido algumas transformações de cunho nacional, alterando e melhorando do ponto de vista político-social sua atuação.

No segundo capítulo faremos uma abordagem teórica sobre o trabalho com grupos no Serviço Social, desenvolveremos também algumas considerações sobre grupos de idosos, enfatizaremos a atuação do Serviço Social, bem como os aspectos que norteiam nossa ação profissional. Trabalharemos ainda as transformações que vêm ocorrendo com o idoso e seu papel na sociedade atual.

No terceiro capítulo apresentaremos o Projeto GRUPATI, bem como o tema de estudo do presente trabalho, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração da pesquisa, e por meio de uma análise reflexivo-interpretativa, apresentaremos seus resultados.

Por fim, teceremos as considerações finais deste trabalho.

## **I CAPÍTULO**

### **1 SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de abrangência nacional, criada em 13 de setembro de 1946, na cidade do Rio de Janeiro. Seu principal objetivo é desenvolver trabalhos sócio-educativos para os comerciários, através de suas cinco áreas de atuação: Saúde, Educação, Cultura, Lazer e Assistência.

Implantado e mantido por iniciativa dos empresários do comércio de todo o Brasil, o SESC tem a finalidade de planejar e executar projetos, atividades e serviços que contribuam para o bem-estar social dos comerciários e da comunidade. Essa filosofia é a mesma para todas as unidades do SESC espalhadas pelo país.

O SESC foi criado com o objetivo de zelar pelo bem-estar dos comerciários e seus familiares, colaborando para a melhoria de seu padrão de vida. Esse trabalho é desenvolvido pelas unidades operacionais localizadas nos Estados.

A clientela do SESC é formada pelos comerciários e seus dependentes (pais, filhos, cônjuge, enteados) e os empregados que estiveram exercendo atividades em empresas ou entidades enquadradas no Plano da Confederação Nacional do Comércio. O SESC também atende a comunidade em geral, oferecendo várias atividades e serviços.

As principais atividades vinculadas são: comércio atacadista, varejista, armazenador, empresas de turismo, estabelecimentos de ensino, difusão cultural e artística, cultura física e clubes de futebol.

Desde sua criação em 1946, o SESC enfrenta um desafio permanente: atender às necessidades de sua clientela em um continente chamado Brasil. Criado sob a inspiração da consciência social do empresariado brasileiro, o SESC, hoje, está presente em todos os Estados da Federação e a cada dia amplia sua área de cobertura.

Para sua operacionalização, o SESC conta com a seguinte estrutura:

1. Administração Nacional (NA)

- Conselho Nacional (CN) – Órgão Deliberativo;
- Departamento Nacional (DN) – Órgão Executivo;
- Conselho Fiscal (CF) – Órgão de Fiscalização Financeira.

2. Administrações Regionais (ARs)

- Conselho Regional (CR) – Órgão Deliberativo;
- Departamento Regional (DR) – Órgão Executivo.

O ano de 1999 ficará marcado pela introdução de duas novas formas de multiplicar a presença do SESC no interior do país: o SESC-LER e o ODONTOSESC.

A partir de pequenas comunidades amazônicas, o SESC desenvolve um novo projeto nacional: SESC-LER. Pequenos centros de atividades onde a educação é a preocupação central, desde a alfabetização ao treinamento de professores. Uma arquitetura simples e integrada ao ambiente abriga um revolucionário projeto pedagógico.

No programa das unidades móveis, o SESC levará às pequenas cidades do interior e à periferia das metrópoles as campanhas de educação para a saúde



(Odontosesc), que são uma atividade tão importante quanto os atendimentos realizados no interior de seus cinco gabinetes dentários.

### 1.1 SESC SANTA CATARINA - SUAS AÇÕES

Em Santa Catarina, o SESC foi fundado em 29 de setembro de 1948, e atualmente realiza aproximadamente 11 milhões de atendimentos anuais, através de 15 centros de atividades (Florianópolis, Blumenau, Itajaí, Joinville, Lages, Estreito, Laguna, Criciúma, Tubarão, Brusque, Chapecó, Rio do Sul, Concórdia, Jaraguá do Sul e Xanxerê), duas colônias de férias (Blumenau e Cacupé/Florianópolis) e uma pousada rural (Lages).

Para melhor entender os trabalhos desenvolvidos no SESC, veremos a seguir suas principais ações nas diferentes áreas - Cultura, Educação, Lazer, Assistência (nesta área está inserido o trabalho com grupos, onde faz parte o projeto GRUPATI, objeto do presente trabalho) e Saúde.

Os referidos programas são desenvolvidos pelo SESC em nível nacional, mas neste item nos deteremos aos programas desenvolvidos em Santa Catarina:

#### **SESC Cultura**

O SESC Cultura atua na área de promoção e divulgação das diferentes manifestações culturais, abrindo espaços e propiciando acesso aos comerciários e toda a população catarinense. Incentiva também, a produção artística e a cultura local, através de oficinas, mostras temáticas, exposições, festivais e apresentações artísticas.

As parcerias entre empresas, artistas e produtores culturais, aliadas à política cultural da instituição, têm resultado na criação de novos espaços de convivência sócio-cultural para os comerciários e a comunidade.

Nas Expressões Artísticas, o SESC Cultura atua nas modalidades de artes plásticas, artesanato, cinema, dança, fotografia, literatura, música e teatro. Destacam-se, dentre uma gama diversa de projetos, o Palco Giratório, que consolida uma alternativa para difusão das artes cênicas, através da circulação de espetáculos teatrais. Sonora Brasil, por sua vez, trabalha a formação de platéias para a música, promovendo espetáculos alternativos e não comerciais. No cinema, o SESC desenvolve várias mostras e projetos que priorizam filmes brasileiros e propiciam o acesso do público às produções nacionais. Na literatura destaca-se o projeto Feira de Livros Infantis, que difunde e trabalha o hábito da leitura nas crianças. Nas artes plásticas, o projeto ArteSESC debate os principais artistas nacionais, através de exposições. Importante, também, é um número expressivo de mostras temáticas que discutem, analisam e experimentam vários conteúdos inerentes à produção cultural. Essas ações, que se desdobram em atividades atendendo a diferentes públicos, são também sistemáticas e têm processo continuado, conseqüentemente, cria-se uma difusão cultural sólida e adequada à comunidade catarinense e comerciária.

Através de cursos, oficinas, debates e seminários, o SESC incentiva e promove o Desenvolvimento Artístico-Cultural, dando continuidade ao aprendizado e crescimento de toda a comunidade e dos artistas locais. Cursos de Música, Teatro, Dança, Cinema, Literatura e Artes Plásticas são algumas das alternativas oferecidas pelo SESC nesta área.

Procurando atender às necessidades da comunidade, o SESC montou em seus Centros de Atividades em todo o Estado bibliotecas destinadas a consultas e empréstimos de livros. Atualmente, seu acervo possui aproximadamente 60 mil livros, além de periódicos e literatura especializada. Discos, filmes, CD's e CD Roms também fazem parte da infra-estrutura de suas bibliotecas, onde o usuário pode realizar consultas e pesquisas.

### **SESC Educação**

O SESC oferece um conjunto de ações voltadas para a educação da criança, do adolescente e do adulto, visando ao permanente exercício da cidadania. Com uma ação educativa, intencional e transformadora, o SESC está presente em Santa Catarina, atuando em diversos segmentos da Educação.

Preocupado também com o desenvolvimento das crianças de 3 a 6 anos, o SESC, através de uma ação pedagógica, desenvolve em caráter sistemático, projetos e atividades articuladas com os conteúdos da Matemática, Língua Portuguesa, Ciências Físicas, Sociais e Biológicas, Artes, Movimento e Expressão Corporal.

Com uma proposta curricular dinâmica, a Educação Infantil tem como finalidade a transformação dos conhecimentos prévios das crianças em conhecimento científico de forma cooperativa, dialógica, afetiva e lúdica.

Faz parte do SESC Educação o projeto CriArte, que é um espaço de convivência para crianças de 3 a 6 anos, paralelo à educação infantil. Esse espaço deve privilegiar as manifestações espontâneas da criança, respeitando seu universo lúdico e cultural, com acompanhamento do monitor.

O projeto Habilidades de Estudo atende crianças de 1ª a 4ª séries, que em horário especial (extra-classe), freqüentam o SESC para realizar tarefas escolares e participar de atividades planejadas que incentivem a curiosidade científica, a pesquisa, a reflexão crítica e a expressão artística, objetivando a aprendizagem de forma inter e transdisciplinar.

O Projeto SESC Ciência considera o aprendizado não formal, obtido pelas crianças e adolescentes fora do âmbito escolar, um fator decisivo para o conhecimento cognitivo, bem como para o aprendizado de conteúdos do currículo escolar.

Através de atividades lúdicas, tais como mostras itinerantes, oficinas, palestras e mini-cursos, o projeto busca despertar a curiosidade e o interesse das crianças e adultos para o conhecimento científico.

A Sala de Ciências caracteriza-se por um espaço permanente, que contém um acervo variado de equipamentos de caráter científico, onde os visitantes podem pesquisar, consultar e obter uma alfabetização científica voltada para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu contexto social e cultural. Toda a programação da sala conta com uma equipe de monitores que são mediadores nas visitas e oficinas, bem como auxiliam os escolares na construção de um experimento científico.

O projeto prevê também um trabalho ativo voltado para a Formação Contínua de Educadores, através de cursos, palestras e seminários na área de Ciências.

Ensino fundamental voltado para crianças de 1ª a 4ª séries, o SESC Escola tem uma proposta de educação através de ciclos de formação, que acompanham o desenvolvimento da criança, respeitam sua singularidade e o contexto em que está inserida.

Buscando investir na formação escolar e profissional da população catarinense, o SESC atua também na área de Educação de Jovens e Adultos, no projeto Educação Complementar, que abrange a complementação Curricular e o aperfeiçoamento Profissional.

Engloba ainda: alfabetização de adultos; supletivo; idiomas; pré-vestibulares; cursos básicos de matemática; química; física e português; cursos na área de administração; relações humanas e informática. Essas são algumas das opções que o SESC proporciona para o comerciário, seus dependentes e comunidade em geral.

Buscando novas alternativas para o desenvolvimento profissional e pessoal dos comerciários e seus dependentes, o SESC oferece também cursos de moda, beleza, artesanato, etiqueta e muitos outros.

### **SESC Lazer**

Através de atividades de Desenvolvimento Físico-Esportivo, Recreação e Turismo Social, o SESC busca oferecer alternativas de lazer para a família comerciária, proporcionando o seu bem-estar e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de toda a população. Diante de toda a infra-estrutura oferecida pelo Serviço Social do Comércio, os comerciários encontram diversas formas de aproveitar seu tempo livre.

Considerando que o ser humano traz consigo a possibilidade de superar limites e desafios, as programações em recreação tendem a oferecer um conjunto harmônico de atividades de cunho esportivo, artístico, cultural e social, visando estimular novas experiências e contemplar interesses manifestos, provocando o acesso a transformações individuais pertinentes à evolução do ser humano como um todo.

Com o objetivo de oferecer à família comerciária momentos de alegria e descontração, o SESC oferece atividades como: bailes, festas, atividades comemorativas, jogos e projetos especialmente desenvolvidos para públicos específicos. O projeto **Crescer & Cia** promove encontros e debates sobre temas polêmicos entre adolescentes de todo o Estado, estimulando o desenvolvimento social e a integração entre grupos, através de ações recreativas e educativas. Há **Brincando nas férias**, onde a criança vivencia atividades lúdicas e educativas nos períodos de férias e o *Ativa Idade*, que estimula o lazer e a vida saudável dos idosos.

Com objetivo de estimular a participação, a autonomia, a vida ativa e a ética na competição, o SESC oferece aos comerciários uma infinidade de opções para seu desenvolvimento físico e esportivo. Escolinhas de esportes, ginástica, artes marciais e musculação são apenas algumas formas de atividades físicas, que o serviço social do comércio disponibiliza para sua clientela.

Para o desenvolvimento adequado das atividades, o SESC possui uma infraestrutura que consta de campos gramados e sintéticos, piscinas, sauna e áreas livres para a prática de atividades sistemáticas e recreativas.

Além disso, o SESC realiza periodicamente projetos especiais, como a copa SESC de Triathlon, Esporte para Escolares, Festival de Escolinhas do SESC Santa Catarina, Campeonato dos Comerciários e a Minimaratona SESC.

Através do Turismo Social, são promovidas viagens e passeios turísticos, onde o SESC proporciona aos comerciários e seus familiares o resgate de valores culturais, a importância da convivência em grupo e a vivência de novas experiências.

Com uma rede nacional de Hotéis, Colônias de Férias, Centros Campestres, Centros de Turismo e Pousada Rural, o SESC oferece muitas opções para o lazer. Em

Santa Catarina, o SESC possui a Colônia de Férias de Cacupé, em Florianópolis, a Colônia de Férias de Blumenau e a Pousada Rural em Lages, localizados em regiões aprazíveis junto à natureza, litoral, vale e planalto.

Com infra-estrutura que possibilita serviços de hospedagem, gastronomia, programação diversificada e orientada para vivência da cultura local, o SESC visa proporcionar à clientela melhor qualidade de vida.

### **SESC Assistência**

Através do programa Assistência, o SESC busca desenvolver ações que contribuam para a valorização do trabalhador e sua família e para a sua integração na comunidade. O caráter social e educativo das ações fortalecem cada vez mais os laços da instituição com a população catarinense. As atividades visam contribuir para o exercício da cidadania em prol da melhoria da qualidade de vida.

Com o objetivo de melhorar as condições no trabalho, na família e na comunidade, o SESC promove e incentiva a formação e o desenvolvimento de grupos sociais. Crianças, jovens, adultos e idosos – não importa a idade – o SESC está sempre formando e dando continuidade aos grupos através de ações específicas.

Debates, palestras, seminários, grupos de estudo, atividades teatrais, festas, apresentações artísticas, exercícios físicos e uma série de atividades voltadas para o bem estar da população estão incluídas nos projetos desenvolvidos pelo Serviço Social do Comércio. Entre os projetos desenvolvidos pelo SESC Assistência, podemos destacar: Grupos de Convivência – suas ações buscam prevenir a exclusão social dos idosos; Grupo de Apoio – Atuação de jovens e idosos em atividades sociais; Grupo de Pacientes

– este grupo rotativo é realizado em parceria com o Hospital de Caridade e tem por objetivo auxiliar no tratamento dos pacientes com câncer, oriundos do interior do Estado; GRUPATI – Grupo de Estudo e Atualização da Terceira Idade (objeto do presente trabalho); Idoso em Movimento – passeios, atividades físicas, palestras, bailes, apresentações artísticas e circuito integrado, envolvendo diversas dinâmicas; Encontro Marcado – Encontros mensais com a terceira idade, que possibilitam a formação de agentes multiplicadores de conhecimento e Atividades Intergeracionais – permite a convivência natural e espontânea entre diferentes gerações.

O SESC atua em conjunto com outras instituições no projeto Ação Comunitária, possibilitando a participação e a integração da comunidade. Seminário, palestras, campanhas e eventos envolvendo as áreas de saúde, educação, cultura e lazer são algumas das realizações da Instituição neste projeto.

Nas cidades onde o SESC não possui instalações, a Ação Comunitária é promovida através da Unidade Móvel, em parceria com as instituições locais, proporcionando atendimento em Odontologia e muitos outros serviços de interesse dos comerciários, de seus dependentes e da população em geral.

Entre os projetos desenvolvidos, destacam-se SESC Verão, o Dia do Desafio, e SESC e Você, com os temas: Terceira Idade em Foco, Saúde e Lazer, Brincadeiras de Criança e Comemorando o Aniversário do SESC.

Assistência Especializada é um serviço de cidadania que o SESC oferece nos eventos comunitários em parceria com as instituições afins. Esse serviço proporciona a obtenção de alguns documentos, como registro de nascimento, documento de identidade, carteira de trabalho, procurações, aposentadoria e pensão alimentícia.



Sendo o projeto GRUPATI objeto do presente trabalho, parte do SESC Assistência, retomaremos esse assunto no terceiro capítulo, detalhando aspectos mais significativos.

## **SESC Saúde**

Em mais de 50 anos de atividades, o SESC Santa Catarina desenvolve serviços voltados para a Área da Saúde com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do comerciário, sua família e toda a população catarinense.

São clínicas credenciadas, atendimento odontológico, mostras e exposições, refeições balanceadas e atividades sistematizadas voltadas para a prevenção e promoção da saúde, visando ao bem-estar do cidadão.

O programa Educação em Saúde desenvolve ações educativas, aliadas ao aprimoramento de técnicas e medidas preventivas. O principal objetivo é proporcionar ao comerciário e à população em geral melhores condições de vida.

O projeto Dia da Saúde é desenvolvido em 14 cidades catarinenses e a comunidade local recebe informações sobre temas associados à saúde, além de contar com atendimento gratuito nos exames de glicemia, colesterol, controle de peso e verificação de pressão. A Área da Saúde engloba projetos com o Credenciamento de Clínicas, onde comerciários e seus dependentes são atendidos com descontos de 50 a 60% nas consultas e exames. Também oferece atendimento com profissionais da psicologia, fonoaudiologia, nutrição e massoterapia. Existem ainda outros projetos na Área da Saúde: mostras educativas, saúde-empresa, encontros vivenciais e saúde ao seu alcance.

Em constante processo evolutivo, o programa de Odontologia do SESC Santa Catarina oferece serviços de acordo com a necessidade dos comerciários e dos seus dependentes. Tratamentos em várias especialidades odontológicas, biossegurança, preços acessíveis e profissionais capacitados são algumas das vantagens apresentadas pelo Serviço Social do Comércio para a sua clientela. O SESC dispõe ainda de serviço odontológico móvel – ODONTOSESC – que leva atendimento de qualidade aos municípios em que não existem unidades fixas do SESC.

A seguir, veremos alguns elementos norteadores para desenvolver o trabalho com grupos no SESC.

## 1.2 AÇÕES NA ÁREA DE GRUPOS NO SESC

Conforme já abordamos no item 1.1 (SESC Santa Catarina – suas ações), faz parte do SESC Assistência à atividade **Trabalho com Grupos**, que tem como meta primordial a valorização social e o crescimento integral dos participantes, independentemente da faixa etária.

Embora os estudos sobre o ser humano sejam muito antigos, ainda são escassas as bibliografias que aprofundem sobre a vida de grupo. Muitas pesquisas vêm sendo realizadas neste campo, cuja importância aumenta a cada dia, especialmente em consequência dos processos acelerados de urbanização.

O grupo deve ser compreendido como elemento fundamental para se trabalhar as relações interpessoais, pois é através dele que ocorre a convivência natural e espontânea entre as pessoas.

Autores diversos, tais como Neri (1999) e Konopka (1983), vêm nessa virada do século a importância de grupos, por oportunizar o desenvolvimento de valores individuais e coletivos. A busca do auto-conhecimento, de responsabilidades, de confiança mútua, da integração, de decisão, espírito de equipe e de iniciativas pode ser conseguida através do processo grupal. Para NERI, o grupo, além disso, possibilita aos participantes melhorarem sua auto-estima, que se dá de acordo com o andamento do grupo.

Cabe ao profissional que está à frente deste trabalho motivar, organizar e capacitar o grupo, buscando constantemente a leitura da prática e as formas e instrumentos que possam facilitar, para que o grupo alcance as melhorias a que se propõe.

O SESC em Santa Catarina vem desenvolvendo atividades voltadas para a Terceira Idade desde 1977. Com o crescente avanço da sociedade, a instituição passou a refletir sobre suas ações e no ano de 1999, ano internacional do Idoso, lançou o programa Terceira Idade, propondo-se a novos desafios. O objetivo é incentivar a participação expressiva do idoso, valorizando-o e dando condições para que ele exerça sua cidadania. A atuação acontece através dos campos de saúde, cultura, educação e lazer. O objetivo do SESC é proporcionar o crescimento das potencialidades, mostrando que o envelhecimento é uma etapa normal da vida, apresentando o idoso como um ser atuante.

Pioneiro no atendimento de idosos no Brasil, o SESC amplia cada vez mais sua área de atuação junto a esse segmento, que vem crescendo com o passar dos anos. No início do próximo século, o Brasil estará entre os seis países do mundo com maior contingente de população idosa. Para o SESC, que há mais de 30 anos trabalha para a

integração social do idoso, o respeito e valorização da terceira idade são itens prioritários em sua programação, em todo o território nacional.

As unidades do SESC espalhadas pelo país contam com programas exclusivamente voltados para a terceira idade. As atividades desenvolvidas visam à promoção do convívio social de uma faixa de público estimada em 120 mil pessoas com mais de 50 anos, atendidas por cerca de 200 técnicos com formações profissionais diversas.

Para incentivar a troca de informações entre crianças, pré-adolescentes e idosos, o SESC promove atividades intergeracionais, desencadeando um processo de interação que se estende à família e à comunidade. Complementando esse rol de ações de integração, as escolas abertas da terceira idade e os cursos de alfabetização e de suplência contribuem para a reeducação e atualização dos idosos.

Além do calendário permanente de realizações, o SESC vem se destacando na difusão de conhecimentos na área de Gerontologia, com a organização de cursos, seminários e encontros, contribuindo para o aperfeiçoamento de profissionais que se dedicam à terceira idade, em todo o Brasil.

O predomínio dos grupos de Terceira Idade resulta do pioneirismo do SESC na área e do crescimento expressivo da população idosa. Como forma de continuar garantindo o reconhecimento do trabalho do SESC com este segmento etário, em 1999, Ano Internacional do Idoso, o SESC em Santa Catarina reordenou suas ações e implantou o Programa Terceira Idade do SESC/SC, atualizando e melhorando a intervenção no trabalho com grupos de terceira idade.

O Programa compõe-se de três núcleos: núcleo de vivência; núcleo de motivação à vida e núcleo de estudos e atualização.

### **Núcleo de Vivência**

Fazem parte do núcleo de vivência os grupos de convivência e o Projeto **Era uma vez** onde se trabalham as relações interpessoais, estimulando e valorizando a participação mais efetiva do idoso.

O SESC possui hoje dez **grupos de convivência** criados ao longo do início do trabalho com grupos de terceira idade, mais precisamente em 1978, onde teve início o primeiro grupo (casais) chamado “A vida continua”. Atualmente participam cerca de 400 idosos, distribuídos nos grupos dentre os quais sete são apenas de senhoras e três são de casais, geralmente são pessoas aposentadas pelo comércio ou dependentes de comerciários (filhos ou maridos), conveniados, ou ainda usuários, ou seja, pessoas que não dispõem de nenhum vínculo com o trabalho comercial.

As atividades intergeracionais promovidas pelo projeto **Era uma vez** têm por objetivo proporcionar o desenvolvimento de atividades pedagógicas e culturais junto às crianças, aos pré-adolescentes e idosos. O desenvolvimento desse projeto ocorre através de leitura de livros, e a preparação dos encontros se dá por meio de dramatização ou não, que é feita pelos idosos e crianças, sempre estimulando a interação e a convivência intergeracional por meio do diálogo.

### **Núcleo de Motivação à Vida**

Propiciam-se condições para que o idoso se sinta atuante, valorizado e consciente do seu papel no contexto familiar e na sociedade. Fazem parte deste núcleo:

**Projeto Ativa Idade; Atividades Comunitárias; Grupos de Apoio e de pacientes e Projetos Especiais (Idoso em Movimento).**

### **Núcleo de Estudos e Atualização**

Tem por base estudos, reflexões, debates e vivências com profissionais de diversas áreas onde o idoso interage de forma direta no processo de construção. Deste núcleo faz parte o **ciclo de palestras, fóruns**; projeto **GRUPATI**<sup>1</sup> – Grupos de Estudos e Atualização da Terceira Idade (objeto do presente trabalho); **Assessoria a Instituições; Reuniões Técnicas e Projeto Encontro Marcado.**

Veremos a seguir as ações nos núcleos acima citados.

#### **1.2.1 Núcleos de Vivência, Motivação à Vida e Estudos e Atualização**

Com base nos dados referentes aos núcleos apresentados no item anterior, seguem abaixo as ações correspondentes a cada um deles.

### **Grupo de Convivência**

No Grupo de Convivência o objetivo está no próprio grupo e, como o nome indica, o fim pretendido é a convivência entre seus membros. Os aspectos a serem valorizados são a qualidade da convivência, a circunstância de as pessoas se sentirem bem umas com as outras e sentirem satisfação pelo fato de estarem juntas.

---

<sup>1</sup> No capítulo III o projeto GRUPATI, será objeto de estudo.

Segundo **Marcelo Salgado**, Assistente Social e Gerontólogo, um dos responsáveis pela implantação do trabalho com a Terceira Idade no Brasil, são os Grupos de Convivência a fonte de maior satisfação das pessoas, pois é através do contato interpessoal que as relações vão se estabelecendo.

As experiências práticas aliadas às pesquisas mostram resultados quanto à participação em Grupos de Convivência, dos quais destacamos: ampliação do círculo de amizade; quebra de rotina; descoberta de novos interesses; melhor convivência na família; aquisição de novos conhecimentos; combate à depressão e solidão e motivação para a vida.

A atividade **Trabalho com Grupos** possui como instrumento principal de atuação as técnicas de dinâmicas de grupo. É através da dinâmica de grupo que trabalhamos com o processo do grupo, que passamos a conhecer as pessoas possibilitando a interação e o crescimento.

O êxito de um grupo não está na permanência do Orientador no grupo, mas sim no modo de como ele age com o mesmo. A atuação profissional deve ir além do estar presente, deve propor espaço para reflexão e conseqüentemente avanços.

### **Projeto Era Uma Vez...**

O Projeto “Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais” tem como eixo condutor o desenvolvimento de um processo de conscientização sobre a velhice e os problemas do envelhecimento, dirigido tanto para os jovens, como para os idosos, facilitando a compreensão e a interrelação entre ambas as faixas etárias. Sua principal inovação

centra-se na tentativa de estimular experiências entre as gerações, fora do contexto familiar, rompendo o isolamento social do idoso e questionando a formação de guetos.

Com esse projeto, o SESC dá início ao atendimento de uma área pouco explorada institucionalmente – o trabalho conjunto entre duas gerações – através de uma ação intencional, sistematizada e preventiva, que levará a mudanças comportamentais e ideológicas da sociedade.

A base metodológica desse projeto respaldou-se em uma experiência francesa de trabalho intergeracional desenvolvida, também, em países africanos, tendo como elemento deflagrador a literatura infanto-juvenil. Essa experiência, em sua adequação às características e necessidades de clientela/SESC, passa para o quadro das suas programações oficiais, em 1993.

O conceito básico que fundamenta a ação do projeto define-o como um processo de estímulo à comunicação intergeracional, através do intercâmbio de vivências e experiências entre ambas as gerações. O eixo central desse conceito trabalha essencialmente a reflexão de temas existenciais e as discussão das imagens fixadas e preestabelecidas entre as duas gerações.

Esse projeto tem por objetivo proporcionar o desenvolvimento de atividades pedagógicas e culturais junto a crianças, pré-adolescentes e idosos, no intuito de fomentar a comunicação intergeracional.

### **Ativa Idade**

O objetivo básico desse projeto é estimular a prática de atividade física, tornando-a significativa ao idoso, na busca do crescimento bio-físico-sócio-cultural.



Esse projeto tem como objetivo estimular a prática de atividade física sistemática, combatendo o sedentarismo; promover a melhora da aptidão física relacionada à saúde e o bem-estar (resistência cárdio-respiratória, força muscular, composição corporal e flexibilidade articular); incrementar o meio social do idoso; socializar o idoso, garantindo o desenvolvimento interpessoal no grupo; ampliar o conhecimento e a prática cultural do idoso e garantir a cidadania, elucidando os direitos e deveres do idoso cidadão.

### **Atividades Comunitárias**

Atividades realizadas para a comunidade dentro ou fora da unidade, em parceria com instituições que desenvolvem trabalhos com a terceira idade. Seus objetivos são: integração, cidadania, socialização e outros.

### **Grupo de Apoio**

O Grupo de Apoio não se destina necessariamente ao público da Terceira Idade, pois pode contar igualmente com jovens e adultos, estando ligado às habilidades, talentos e interesses individuais. Consiste em oferecer oportunidade para que o ser humano se sinta útil e valorizado, através do engajamento em atividades com fins sociais. Tem como objetivo geral promover o “conceito e a prática da cidadania pela participação consciente solidária e comprometida”.

O Grupo de Apoio surgiu no SESC/SC em 1991, a partir do interesse dos idosos em sentirem-se úteis, em fazerem parte de uma atividade que possibilitasse o desenvolvimento do seu potencial de forma espontânea.

A doação do tempo livre vem se espalhando em todo o mundo, e em 2001 **Ano Internacional do Voluntariado**, torna-se mais forte e representativa. No Estado de Santa Catarina, os Comitês do Voluntariado estão presentes na maioria das cidades, com grande articulação junto à comunidade.

No SESC, o trabalho também apresenta crescimento, pois o Grupo de Apoio está presente em todas as Unidades Operacionais. Ressalta-se, neste momento, a importância da condução do trabalho, que deve estar norteado dentro da proposta da Atividade **Trabalho com Grupos**.

Cada Unidade deve estar atenta para a realidade da sua cidade, em que tipo de ação poderá estar envolvendo os participantes, respeitando sempre os interesses e necessidades.

O Grupo de Apoio tem como princípios: participação; mobilização; transformação social; solidariedade traduzida em esforço voluntário; coesão; intercâmbio e organização como elemento motivador.

É importante ter clara a definição dos objetivos das áreas de atuação do Grupo (no SESC e na comunidade). As reuniões ocorrem semanalmente ou de acordo com os objetivos do grupo. São trabalhados o fortalecimento do espírito de grupo e o estímulo da autonomia do Grupo quanto à execução das ações. É essencial considerar o bem-estar do integrante do grupo, sua gratificação, satisfação e prazer ao realizar a atividade.

O Grupo de Apoio atua em ações realizadas pela Unidade (dia da saúde, mostras, exposições e eventos em geral); visitas a idosos asilados; visitas a idosos que

não freqüentam o SESC em virtude da idade avançada; visitas a hospitais, creches, escolas; campanhas (agasalho, alimentos, material escolar, brinquedos, etc...); vivências em escolas para transmissão de saberes. Tudo isso a partir do interesse do próprio grupo e de acordo com a realidade da Unidade/cidade.

A avaliação acontece de forma constante em todos os momentos.

### **Grupo de Pacientes**

É formado por um grupo de pacientes terminais do Hospital de Caridade. A proposta desse trabalho de terapia ocupacional, em conjunto com o SESC, partiu da iniciativa de uma enfermeira e Assistente Social do Hospital de Caridade.

A maioria dos pacientes atendidos reside em lugares distantes, vindos do interior do Estado e não têm contato com os familiares. Grande parte deles é constituída por agricultores que trabalham no pesado e têm uma vida ativa. Com a saúde afetada, tudo se torna difícil para eles e é raro o caso dos que têm consciência da doença.

Como o SESC possui local adequado onde se desenvolvem atividades de lazer e recreação com características educativas, viu-se a possibilidade de concretização do projeto. O objetivo primordial do trabalho é fazer com que os pacientes saiam do ambiente hospitalar e se relacionem com outras pessoas, conscientizando-as da importância desse trabalho, e auxiliando-as dessa forma, no tratamento de sua doença.

O Centro de Atividade de Florianópolis – CAF – é a única Unidade que realiza esse trabalho no país.

## Idoso em Movimento

O projeto prevê o aprofundamento das relações interpessoais entre os diversos participantes dos grupos existentes na Unidade. Através da junção dos grupos, será fortalecido o espírito de equipe e o desenvolvimento do potencial criador.

A proposta consiste na realização de “encontro” de três dias com grupos de idosos, tendo como local de realização uma das colônias de férias ou pousada rural. Seu objetivo é trabalhar as relações interpessoais, estimulando a integração e a socialização entre os grupos participantes, através do desenvolvimento de ações culturais, sociais, recreativas e educativas, e promover a auto-valorização e a auto-estima.

A organização do projeto prevê uma programação com atividades sociais, culturais, educativas e recreativas voltadas para os interesses dos idosos, permitindo a integração grupal, possibilitando criar atividades que permitam ao idoso o desenvolvimento e resgate do potencial e envolvendo no planejamento a equipe das Colônias ou Pousada.

As atividades sociais e culturais desenvolvidas são: bailes com temas específicos; passeios; apresentações artísticas pelo grupo e para o grupo; exposições e poesia. Nas atividades educativas são realizadas oficinas, vivências, debates e palestras. As atividades recreativas/esportivas englobam: danças recreativas; brincadeiras de outrora; jogos recreativos; caminhadas e ginástica.

A avaliação é feita com a equipe envolvida e com o idoso de forma oral e escrita.

## **GRUPATI – Grupo de Estudo e Atualização da Terceira Idade**

Iniciou-se no segundo semestre de 1998, com a proposta de oferecer aos integrantes da Terceira Idade noções básicas da Matemática, Português, História de Santa Catarina, Biologia, enfoque em Psicologia, Prevenção de Doenças, Direitos do Idoso e Aspectos Sociais e Psicológicos do Envelhecimento. As aulas eram ministradas as quartas e sextas-feiras, no período das 14h30m às 17h30m e o curso tinha duração de seis meses. O primeiro grupo contou com a participação de 15 integrantes e obteve grande sucesso.

Atualmente, o GRUPATI foi reestruturado, suas aulas são semanais, e o grupo terá duração de um ano dividido em duas etapas. Abordaremos melhor esse item no terceiro capítulo, já que o mesmo é tema do presente trabalho.

### **Encontro Marcado**

É o encontro mensal de representantes de grupos da Terceira Idade que se reúnem para adquirir e ampliar conhecimento sobre temas referentes ao processo de envelhecimento e questões do dia-a-dia. A formação de agentes multiplicadores e o acesso à informação e orientação são pontos fundamentais que justificam e fortalecem a efetivação do Projeto.

Tem por objetivos: estimular a formação de agentes multiplicadores com o intuito de sensibilizar os idosos sobre o importante papel que exercem na família e na comunidade; dinamizar as ações na área do idoso, contribuindo para seu crescimento

integral; oferecer novas alternativas que possibilitem a reflexão, conscientização e liberdade de escolha.

As possibilidades de parceria se dão através de instituições, associações, clubes e empresas. Neste projeto, articulam-se profissionais habilitados para trabalhar temas da área da saúde, educação, cultura, lazer, gerontologia, psicologia e de tecnologias emergentes, procurando sempre desenvolver temas que venham ao encontro dos interesses dos idosos, com duração média de duas horas. Ao término de cada encontro é divulgado o próximo assunto a ser abordado.

Para cada conferência é fornecido um certificado ao profissional responsável e, no final do ano, o integrante que possuir 70% de frequência receberá também seu certificado.

A programação básica do Encontro Marcado resume-se em três momentos: abertura, palestra/debate e informes.

A avaliação é feita sempre ao término de cada encontro.

No capítulo a seguir, trabalharemos a compreensão do trabalho desenvolvido com grupos e grupos de idosos, desenvolveremos algumas noções de velhice e terceira idade, bem como a importância do serviço social neste trabalho.

## II CAPÍTULO

### A PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL COM GRUPOS

O Serviço Social tem como principal interesse o indivíduo em suas relações interpessoais e em suas confrontações com o ambiente. A profissão possui uma rica herança de atividades que têm por fim reformar as condições que degradam a personalidade humana e dispõe de serviços destinados a satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência do homem e de melhoria de sua capacidade para uma melhor atuação psicossocial.

A convicção sobre o espírito democrático e o processo democrático é outro princípio básico. Os propósitos do Serviço Social são de melhorar a interação entre o homem e seu ambiente.

Segundo Barlett (1958), todo assistente social necessita ter um conhecimento considerável sobre as pessoas e sua situação social: crescimento, desenvolvimento e conduta dos indivíduos; desenvolvimento, estrutura e funcionamento de grupos e organizações; e interação entre o homem e a sociedade. É igualmente importante possuir conhecimento sobre os problemas de bem-estar, dos recursos da sociedade para satisfazer necessidades e de formulação da política social. Por fim, é de importância crucial o conhecimento dos procedimentos por meio do qual o profissional capacita as

peessoas a se dirigirem à obtenção de seus objetivos e a trabalhar para a melhoria das instituições sociais e das condições ambientais. De especial contribuição para o trabalho com grupos é o conhecimento do processo por meio dos quais o profissional faz com que grupos se formem e se transformem em viáveis sistemas sociais eficazes.

Konopka (1968) cita que

“Não obstante, a sociedade moderna é complexa. As exigências do ambiente social trazem muitos problemas: crescente solidão produzida em grandes centros urbanos, elevado grau de mobilidade que nem sempre permite acesso fácil à amizade. As pessoas precisam aprender novas habilidades, precisam aprender a fazer novas amizades com rapidez, aprofundar as amizades já feitas e sustentar a frustração da perda, enfrentar os membros de grupos que se encaram com suspeita, grupos raciais, religiosos ou de nacionalidades, enfrentar privações de ordem econômica, o que não significa apenas não ter dinheiro, mas também experimentar a agonia do fracasso e da amargura”.

O objetivo do Serviço Social pode ser um indivíduo, grupo ou subgrupo ou uma coletividade maior. O grupo pode ser uma família ou outro grupo natural, ou pode ser um grupo especialmente formado para fins de Serviço Social.

Uma vez que o tema do presente trabalho se desenvolve junto a um grupo (Projeto GRUPATI), é necessário termos conhecimento de referências de trabalhos com grupos, bem como suas finalidades e objetivos. É importante também trabalharmos tipos de grupos, conceitos, processos grupais, aspectos metodológicos, instrumentos e a importância do trabalho do assistente social com grupos.

## 2.1 TRABALHO COM GRUPOS

Houve grande influência das ciências sociais, especialmente da sociologia e da pedagogia, nas origens dos trabalhos com grupos realizados pelo Serviço Social. O trabalho com grupos em Serviço Social permitiu a adoção de grupos contínuos ou descontínuos, grandes ou pequenos, onde a seqüência programada de intervenção não é



alcançada somente através da abordagem grupal, mas combinada com outras formas de atuação. Contrapõe-se a este sentido de grupo de tratamento os grupos de convivência, grupos de encontro, grupos de aprendizagem e grupos de ação social, nos quais a intervenção profissional não se faz centrada nas pessoas do grupo, mas no grupo como um todo e, mesmo além do grupo, onde sua natureza é socializante, integrativa, de participação, de clarificação, ou simplesmente de encontro.

Houve um momento onde o trabalho com grupos em Serviço Social era somente permeado de atividades recreativas numa época em que o lazer surgia com uma necessidade vital. Concomitantemente, a educação informal também se constituía em área de aplicação do trabalho com grupos, tanto que, durante muitos anos, a recreação e educação informal foram consideradas, erroneamente, como sinônimos.

Só mais tarde é que interação grupal, como também afirma Konopka (1972), começou a se constituir em preocupação para o assistente social que trabalhava com grupos.

Para Lewin (1973),

“O grupo é um sistema de interdependência entre os membros do grupo e entre os elementos do campo (objetivos, normas, percepção do meio exterior, divisão dos papéis, status, etc.). É um todo cujas propriedades são diferentes da soma das partes que o compõem. Quando se modifica um elemento importante do campo, a estrutura do conjunto pode se modificar”.

Motta (1969) propõe três tipos de grupos: Grupo de Desenvolvimento Social, nestes grupos, a experiência deve conduzir os membros à maturidade social; Grupos de Solução de Problemas de Relacionamento Social, a experiência é dirigida a pessoas portadoras de problemas pessoais na área do relacionamento social e Grupo de Ação Social, onde a experiência visa habilitar os componentes de um grupo a oferecer efetiva contribuição ao meio em que vivem.

Konopka (1972) também apresenta uma classificação de grupos que considera superficial, mas necessária para a orientação do trabalho a ser desenvolvido: Grupos Orientados para o Crescimento que servem ao desenvolvimento da pessoa e Grupos Orientados para a Ação Social. Estes destinam-se a oportunizar e instrumentalizar a participação dos cidadãos na solução de problemas sociais.

Esses dois grupos distinguem-se pelo fato de que o indivíduo no grupo orientado para o crescimento necessita de ajuda direta para o seu próprio desenvolvimento e resolução de seus problemas, enquanto que o indivíduo, no grupo destinado à ação social, necessita de ajuda para adquirir eficácia com relação a problemas que não estão necessariamente arraigados nele próprio ou nos seus relacionamentos com terceiros.

Northen (1974) coloca que, quando os membros de um grupo chegam à descoberta daquilo que têm em comum, surgem vários subgrupos que representam os interesses comuns, a reciprocidade dos sentimentos de atração ou repulsa ou a necessidade de controle e aceitação.

Lewin (1973) coloca que "o grupo e o seu meio constituem um campo social dinâmico, cujos principais elementos são os sub-grupos, os membros, os canais de comunicação, as barreiras". Os subgrupos surgem da interação da percepção dos membros quanto a semelhanças e diferenças, interesses e qualidades comuns. Nos grupos maiores, os subgrupos podem aumentar a coesão do grupo, uma vez que eles podem tornar o grupo mais capaz de satisfazer a necessidade de intimidade, controle e afeição dos membros muito mais do que é possível no grupo total.

A coesão do grupo para Northen (1974) é definida mais simplesmente como atração para o grupo. Quanto mais coeso é o grupo, tanto maior é a sua influência nos

membros. Quanto mais um grupo é atraente para os seus membros, tanto mais ele é capaz de produzir mudanças de atitudes, de opiniões e de conduta.

A atração que um grupo exerce sobre os seus membros é proporcional à motivação dos indivíduos, à atração de uns pelos outros e à capacidade do grupo de satisfazer as suas necessidades. A coesão de um grupo se amplia à medida que os membros lutam para a realização de seus fins partilhados.

Northen (1974) cita que

“A coesão do grupo é o resultado das forças de atração exercidas pelo grupo sobre seus membros, tendendo a mantê-los em seu seio: de um lado o pequeno grupo é objeto de uma necessidade a ser satisfeita; de outro, ele constitui para o indivíduo um meio de satisfazer as necessidades cuja origem é exterior ao grupo”.

O processo básico através do qual a coesão se desenvolve em um grupo é a comunicação real, que liberta os membros para se manifestarem, encoraja comparações de semelhança e diferença e modifica as atividades dos membros entre si para com o grupo. Um grupo coeso tende a se tornar um grupo de referência para os seus membros. Um grupo de referência é um grupo verdadeiro ou uma categoria de pessoas com as quais alguém aspira a se relacionar psicologicamente. Uma pessoa se identifica com um grupo de referência e interioriza os seus valores e normas de conduta de modo que passa a perceber os valores do grupo como seus próprios.

Os valores são a formulação de uma conduta preferida. Eles indicam aquilo que é considerado como valendo a pena ou sem utilidade, desejável ou indesejável. Os valores incluem crenças e ideologias, preferências apreciativas ou estéticas e princípios morais ou éticos. Quando as pessoas participam juntas de um grupo, surge um sistema comum de valores que determina, até certo ponto, as normas de conduta dos membros do grupo.

Uma norma é a generalização referente a um esperado padrão de conduta em qualquer assunto de importância para o grupo. Ela inclui um julgamento de valores. É uma regra ou padrão com o qual se espera concordem os membros do grupo. As normas do grupo são o resultado da interação social baseada em algum consenso dos valores, mas ainda assim elas pertencem aos indivíduos, influenciando suas ações, mesmo quando se encontram sós ou em outros grupos.

### **Finalidade do Grupo**

Para Torres (S. N), “grupos existem para satisfazer as diversas necessidades que os seres humanos possuem e que não poderiam resolver sozinhos. Desta forma, o homem vive em grupos do nascimento até à morte”. Pertencer e participar ativamente de um grupo é uma experiência básica construtiva na vida de todas as pessoas. Além da família, a sociedade dá às pessoas várias oportunidades para tais experiências. Mas a necessidade do Serviço Social se evidencia quando há falta de recursos adequados ou quando as pessoas precisam de orientação profissional para que possam manter um nível normal de funcionamento ou para que passem para um funcionamento psicossocial mais perfeito. Assim, os grupos têm finalidades específicas que se relacionam a essa finalidade geral.

A consideração mais importante na composição do grupo é a sua finalidade. Os objetivos e as necessidades específicas dos membros em perspectiva devem ser os que podem ser satisfeitos através das finalidades do grupo. É indispensável que dentro da finalidade exista alguma necessidade comum ou situação problemática que dê

focalização do conteúdo da vida do grupo. O conteúdo se relaciona a interesses e capacidades comuns e às importantes experiências partilhadas.

Northen (1974) diz que

“Todo grupo tem uma finalidade para existir. Finalidade significa qualquer *designio, fim ou intenção fundamental*, objetivo ou meta. Num grupo, a finalidade é uma combinação das finalidades expressas pelo assistente social para o grupo e as expressas pelos membros”.

O Serviço Social, para cumprir uma de suas finalidades, ou seja, desenvolver a *Participação Social*, utiliza basicamente o trabalho com grupos. Segundo Rodrigues (1978), é possível observar etapas no desenvolvimento de participação. Na primeira etapa, faz-se uso de informações e recursos motivacionais que permitem um envolvimento entre os participantes no programa ou instituição em que deve participar. Em geral, se resiste em participar, muitas vezes, por não possuir informações que levem a conceber a importância ou necessidade de participação. A segunda etapa se define pela participação propriamente dita, isto é, a participação é solicitada e exercida em determinados aspectos de vida da comunidade, ou da instituição, ou do programa. É, basicamente, um exercício e treino de participação. A terceira etapa refere-se ao envolvimento e ao exercício da participação, que geram maior integração dos participantes na vida da comunidade ou da instituição. E a etapa final é a de co-participação no todo. A co-participação ou co-direção implica necessariamente um grau de integração maior, ou seja, integração crítica e decisória, e, uma ação social exercida solidariamente.

Participação” é palavra-chave no que diz respeito ao trabalho com grupos. Significa que se deve orientar cada membro a se envolver e a se tornar “parte” do esforço do grupo. Essa capacidade de participação varia de indivíduo para indivíduo.

Para Konopka (1968)

“A dignidade da pessoa precisa ser expressa através de sua liberdade de expressar seus pensamentos e idéias e seu direito de participar em assuntos que se relacionam com ela e com a sua comunidade (...). Uma das maiores habilidades do assistente social de grupo consiste em orientar as pessoas em diferentes fases de desenvolvimento, e com diferentes capacidades, a participarem em determinada situação grupal. Representa, também, uma das realizações mais compensadoras (...)”.

Apresentar a finalidade daquilo que os membros podem esperar realizar por meio do grupo em termos positivos, em vez de focalizar os problemas, faz com que coincidam finalidade e motivação positiva.

### **Processo Grupal**

Processo grupal chama-se a formação e desenvolvimento do grupo. Robert Black (1955) distingue três fases nos grupos em sua formação. A primeira se manifesta por uma tentativa dos membros do grupo de manipular o monitor ou responsável pelo trabalho de grupo, e por uma tendência a utilizar uma estrutura da discussão convencional. À medida que o grupo vai trabalhando, uma segunda fase se apresenta e os membros do grupo se sentem em condições de falar sobre os interesses de cada indivíduo presente, seus problemas profissionais, contar “casos”, as dificuldades do próprio grupo e os sentimentos que os membros experimentam entre si e em relação ao grupo (empatias, medos, desconfianças, confiança, ansiedades). Trabalhados estes aspectos, o grupo vive uma terceira fase em que procedimentos de trabalho diversificados são experimentados, e a discussão avança mais sólida e livremente. O grupo é capaz de se auto-avaliar, testando sem receios o consenso.

Para Konopka (1968),

“A dinâmica do processo grupal é determinada pela espécie e qualidade da interação que se processa entre os membros. Para compreendermos essa teia de relações, para podermos ser úteis às pessoas, precisamos compreender esse processo que está em fase de constante mudança. O que observamos num grupo é o imenso poder básico que os seres humanos exercem sobre seus semelhantes. É o poder da aceitação ou da rejeição, de incluir uma pessoa no círculo do grupo ou deixá-la na margem externa, de fazê-la sentir-se como pessoa valiosa ou alguém que deve ser evitado, ignorado ou maltratado”.

O comportamento dos membros do grupo é determinado, em parte, pelas necessidades do grupo e, em parte, pela aptidão de preencherem determinados papéis. Rodrigues (1978) destaca cinco aspectos observáveis nos grupos.

O primeiro seria a motivação para a participação num grupo. A motivação é um estímulo, e este, para ser eficaz, deve ir ao encontro das necessidades e interesses dos integrantes de um grupo. A percepção, por parte do assistente social, das necessidades e interesses mais sentidos pelo grupo, e a compreensão do processo em desenvolvimento no grupo em particular são os primeiros quesitos de uma motivação permanente.

O segundo aspecto a ser considerado decorre do momento em que o grupo se formou e ocorrem suas primeiras reuniões. O grupo se encontra em expectativa decorrente das necessidades, conscientes e inconscientes, que os participantes levam para o mesmo, sem que possuam, ainda, garantias de que essas necessidades sejam satisfeitas. Tal expectativa gera, no grupo, uma certa insegurança, pouca espontaneidade e acomodação, fazendo com que os participantes de uma primeira reunião se mostrem passivos e formais ou, então, falantes, numa aparente euforia. Mailhiot (1970) coloca que este momento é caracterizado, também, pela necessidade dos membros de se afirmarem como indivíduos. Existe uma procura básica de aceitação mútua. É preciso que o assistente social perceba e compreenda o paradoxo desta procura: as atitudes de afirmação individual e a necessidade de aceitação mútua.

O terceiro aspecto levantando diz respeito ao momento em que o grupo já se sente mais seguro e capaz de atuar com espontaneidade. Em geral, neste ponto, emergem diferenças pessoais, conflitos, atitudes individualistas, soluções um tanto rígidas. Configuram-se, também, as afinidades e identificações e formam-se os sub-grupos. Os conflitos que surgem nesta fase não devem ser afastados ou resolvidos pelo assistente social, mas sim enfrentados pelo próprio grupo. Só assim este terá condições de amadurecer e crescer.

Para Rodrigues (1978)

“Grupos que não apresentam conflitos claros não estão funcionando de maneira aberta e espontânea, pois os sentimentos não estão podendo ser expressos e discutidos. Os conflitos não devem ser considerados como problemas, mas encarados como soluções para que o grupo possa crescer. Porque os conflitos abertos favorecem a procura de soluções e alternativas. Mais integrado estará o grupo quanto menos medo e mais condições tiver para enfrentar estes conflitos”..

O quarto aspecto se relaciona ao momento em que o grupo se encontra mais maduro e é capaz de assumir atitudes solidárias, complementares e integrativas. As comunicações entre seus membros são mais abertas, verdadeiras e mais ricas de conteúdo, porque todos já evoluíram para uma posição menos defensiva e individualista. É preciso garantir e aprofundar esta integração grupal, que depende, como Mailhiot (1970) diz: “em aceitar e fazer aceitar, pelos membros do grupo, os momentos de ansiedade inerentes a todo processo de crescimento...”.

Finalmente, o quinto aspecto considerado seria relativo ao momento de reforço das atitudes grupais adquiridas. Neste momento o assistente social deve orientar o grupo a realizar uma síntese final do que foi apreendido e decidido e a fazer avaliações. É, também, o momento de solidificação das atitudes grupais adquiridas, possibilitando sua transferência para outras situações de vivência grupal.



Não há um prazo definido para que estes momentos se desenvolvam e se sucedam. Assim, podem ocorrer numa única reunião, ou exigir um tempo mais longo. No entanto, o tempo e a experiência grupal em si podem permitir maior profundidade na vivência desses momentos.

### **Aspectos Metodológicos**

A ação grupal atinge hoje um grau de prestígio que até algum tempo não lhe era conferido para o tratamento de problemas psicológicos, educacionais e administrativos. Os profissionais das ciências humanas operam intervenções grupais em uma vasta variedade de situações e tipos de grupos: grupos de encontro, grupos de aprendizagem, grupos terapêuticos, grupos de trabalho, grupos de crianças, de jovens, de adultos, grupos comunitários, grupos funcionais, grupos de baixa, média ou alta renda, entre outros.

Em particular, no trabalho com grupos em Serviço Social, deve-se levar em conta os diferentes aspectos metodológicos do trabalho com grupos, os princípios de ação, as técnicas ou tipos de instrumentalização possíveis, não deixando de lado as atitudes e habilidades inerentes ao desempenho profissional e às características de um trabalho com grupos que estão intimamente envolvidos no processamento desta intervenção.

Para Northen (1974), o trabalho com grupos envolve, freqüentemente, três tipos de objetivos: os do próprio grupo, os da instituição e os do profissional. Aos objetivos do assistente social, estão vinculadas a sua própria função profissional e a natureza da situação que deve ser trabalhada. Cabe ao profissional a combinação desses três níveis

de objetivos; sua habilidade e estratégia é que vão permear o sucesso do trabalho neste aspecto.

A ação com grupos, como qualquer ação profissional que pretenda ser eficaz, precisa estar fundamentada em alguns conhecimentos advindos da experiência, de observações controladas, de pesquisa, etc. Esses conhecimentos devem consubstanciar-se em atitudes e habilidades que se traduzirão em ações na intervenção.

Habilidade é aqui compreendida como, além da transformação de conhecimentos em ação, uma arte no sentido de saber aplicar ou desenvolver com adequabilidade comportamentos pertinentes a uma dada situação.

Considerados os aspectos metodológicos e processuais no trabalho com grupos, técnicas podem subsidiar esse trabalho, facilitando a ativação do grupo. Rodrigues (1978) considera três grupos principais: as chamadas técnicas de dinâmica de grupo, os projetos de atividades grupais e as técnicas psicodramáticas. As técnicas são instrumentos utilizados para impulsionar a ação em determinada direção.

Beal (1972) cita que

“as técnicas, quando utilizadas de maneira apropriada e dentro de um ambiente social normal, têm o poder de ativar motivações e impulsos dos indivíduos, estimulando os elementos da dinâmica interna e externa e acionando o grupo na direção dos seus objetivos”.

A mais utilizada é, sem dúvida, a dinâmica de grupo onde uma série de pequenos instrumentos são utilizados para dinamizar uma discussão, desenvolver a participação, transmitir informações, clarificar situações e obter feed-backs grupais. Assim a relação do monitor com o grupo é mediada por um conjunto de técnicas, que facilitam a aprendizagem e a obtenção de resultados desejáveis pelo grupo ou pelo monitor.

## 2.2 O PAPEL DO ASSISTENTE SOCIAL NO TRABALHO COM GRUPOS

O assistente social tem um papel já realizado, conquistado pelo estudo e pela experiência. Dentro do grupo, suas condutas reais são influenciadas pelas expectativas dos membros e pela natureza do desenvolvimento do grupo.

O assistente social apóia os membros e o grupo, de acordo com as necessidades. O apoio pode ser oferecido por meio de gestos não verbais que demonstrem os sentimentos de empatia do assistente social para com os membros; reconhecimento da naturalidade de ter tais sentimentos sobre uma experiência.

Para Northen (1974)

*“O assistente social estabelece o tom para o apoio mútuo ao manifestar a sua esperança de que os membros serão capazes de o fazer. Em grande parte, os membros se apóiam uns nos outros ao se tornarem conscientes de seus propósitos, aspirações, interesses e necessidades comuns e ao vencerem os seus recíprocos sentimentos positivos e negativos. Eles se apóiam, também, ao sentirem segurança e confiança no assistente social, ao se identificarem com ele”.*

A capacidade de comunicação é imprescindível ao assistente social. Northen (1974) coloca que num grupo a rede de comunicações é mais complexa do que no relacionamento individual.

Para Konopka (1977)

*“Os relacionamentos entre os seres humanos – seus sentimentos e seus pensamentos – são expressos de muitas formas diferentes. Uma das principais maneiras de expressão são as palavras. Como ocorre nas entrevistas individuais, o assistente social de grupo também emprega essa forma de comunicação, de modo objetivo e hábil”.*

Cada membro, com os seus próprios valores e estilos de comunicação, necessita ser compreendido e retribuído de maneira adequada. Quando os membros de um grupo

acham difícil falar sobre seus sentimentos e problemas, os comentários do assistente social de que certos sentimentos e preocupações são universais contribuem muitas vezes para liberar inibições.

Quando os membros se tornam aptos, o enfoque do assistente social se dirige para a continuação dos progressos feitos anteriormente e para maior esclarecimento dos sentimentos, conduta, situações e progresso dos membros. A partilha dos sentimentos se torna mais fácil e muitas vezes causa diminuição do medo, da culpa, do desamparo ou de outras emoções fortes.

À medida que o grupo progride no decorrer do tempo, as suas decisões passam das que influenciam a finalidade do grupo, sua estrutura, processos e padrões de conduta de seus membros, para a sua vida fora do grupo. Os membros precisam perceber a transferência para outras áreas do funcionamento social.

Tolwley (apud, Konopka, 1957) diz que

“O instrumento secreto do trabalho social é a capacidade infinita, virgem, não-imaginada da expansão e crescimento da personalidade individual soberana... Entre todos os tipos de assistentes sociais, o assistente social de grupo aceita com plena consciência essa premissa democrática no seu trabalho”.

O assistente social de grupo precisa ter capacidade de avaliar os membros individuais, bem como o grupo como um todo, de modo a determinar os objetivos para a realização do trabalho. Clareza de avaliação e determinação de metas objetivas são pré-requisitos para um trabalho competente e para a avaliação crítica das metas alcançadas

O assistente social tem como foco a motivação dos membros para que escolham um ou mais objetivos específicos pelos quais possam trabalhar. O próprio sistema de valores do assistente social determina, em parte, a sua habilidade nesta importante área.

Ele se utiliza da compreensão que tem do significado da nova experiência para os membros do grupo, para estabelecer um relacionamento inicial de trabalho que ampare os membros no período inicial de incerteza e ansiedade e isso servirá como um catalisador para promover o desenvolvimento do relacionamento entre os membros.

### **Instrumentos**

Segundo Konopka (1968), teorias gerais do comportamento individual e grupal, conhecimento da cultura específica na qual trabalha e da qual se originam os membros do seu grupo, são instrumentos que o assistente social de grupo pode empregar para contribuir na atividade de trabalho com grupos. Saber ouvir, observar e ter empatia, também são necessários para um melhor desenvolvimento do seu trabalho.

O modo de ouvir que o assistente social de grupo precisa aprender é diferente do modo de ouvir que geralmente empregamos na nossa vida diária. Estamos acostumados a ouvir através da tela de nossas próprias preocupações, do nosso próprio pensamento. “Ouvir” é uma parte que envolve uma consciente autodisciplina para considerar verdadeiramente o outro ser, e não a própria pessoa.

A observação é semelhante a ouvir, mas inclui a percepção de expressões não-verbais de sentimentos e pensamentos. Grande parte da ação e comunicação em grupos é dessa natureza não-verbal.

Não podemos viver todas as dores desesperadas do abandono por pais ou cônjuges, de desemprego, de discriminação, de enfermidades mentais ou emocionais, da prisão, de obstáculos físicos que aleijam o corpo, ou da total falta de esperança. De alguma maneira precisamos aprender a compreender e sentir essas coisas. Uma vida

demasiadamente vazia, sem emoções, nem sempre produzirá um bom assistente social. Isso também não significa que todo assistente social deve ter experimentado grandes tragédias ou que precisa ser exposto a dores durante o processo educativo. Significa que terá que abrir a sua mente às inúmeras ansiedades que as pessoas encontram e não recuar ante uma análise mais detida dos problemas da vida.

Os três meios de compreensão – audição, observação e empatia – estão centralizados na personalidade do assistente social de grupo. O assistente social precisa compreender que encara os outros através da “peneira” de sua própria personalidade e das suas próprias experiências de vida.

Como nosso trabalho se desenvolve junto a um grupo de idosos, antes de abordarmos o trabalho com grupos de idoso, faz-se necessário conhecermos alguma noções de velhice e de terceira idade, bem como seus aspectos biológicos, contrastando a realidade de hoje com a de ontem em relação à visão que a sociedade tem dessa fase vital, considerada pelos diversos autores trabalhados como nossa última fase.

### 2.3 NOÇÕES DE VELHICE E TERCEIRA IDADE

O atual interesse pelo estudo sobre velhice justifica-se pela proporção de pessoas idosas que, em relação ao total da população, atinge atualmente níveis superiores aos de qualquer outra época da história. E crescerá ainda mais, considerando-se as melhorias no nível de vida e a redução na taxa de natalidade. Com isso, houve um crescimento quantitativo do percentual da população de idosos no Brasil.

Segundo Barros (2000), a velhice é um dos temas brasileiros que mais ganharam importância nos últimos anos, tendo-se assistido, a partir da década de 80, a uma

proliferação acentuada de iniciativas voltadas para o seu atendimento. Os meios de comunicação veiculam discussões sobre a possibilidade de um envelhecimento adequado e a simpatia da população em relação à questão do idoso reflete a preocupação crescente com o velho como problemática nacional.

O tema da velhice e do envelhecimento, só tratado pelas ciências sociais a partir da década de 60, ainda assim escassamente, começa a se visibilizar de fato nos anos 80. O descaso generalizado de que são objeto os idosos na sociedade contemporânea persiste e é a base do desinteresse que sempre tiveram por eles as ciências humanas. Não tendo um lugar social, também não tinham um lugar teórico.

( No estudo da velhice, como outros temas sociais, há muita confusão entre fatos científicos e mitos da opinião pública. Muito se fala que a velhice começa aos sessenta e cinco anos. No entanto, está mais do que provado por médicos especializados em geriatria e pessoas que estudam sobre o assunto que a velhice não começa em uma idade cronológica uniforme, senão variável e individualizada. /

Moragas (1997) cita que

“O fato de considerar velha toda pessoa com mais de sessenta e cinco anos tem uma explicação arbitrária e pouco racional. Os sessenta e cinco anos constituem, em muitos países, a fronteira da aposentadoria. O direito da pessoa ao trabalho, qualquer que seja a idade, tem antecedentes nas repetidas declarações dos gerontólogos, de que a idade natural não constitui um critério objetivo e válido para identificar a capacidade vital da pessoa. O que em outra época foi uma medida de proteção social ao trabalhador, em virtude das duras condições do trabalho físico e do esgotamento aos sessenta e cinco anos, restando poucos anos de vida como aposentado, mudou devido à melhoria das condições do trabalho e do aumento da esperança da vida”.

( Os limites preconizados pela Organização Mundial da Saúde é que meia idade refere-se a pessoas de 45 a 59 anos; idoso de 60 a 74 anos; ancião de 75 a 90 anos e velhice extrema de 90 em diante, esta última segundo John Piscopo (Washington, 1979). |

Homens e mulheres sempre correram atrás da juventude, principalmente depois que atingem uma certa idade. Adolescentes e jovens adultos nem pensam em envelhecimento. Ao contrário, o desejo é de alcançar os 21 anos ou pouco mais que lhe garantam vários direitos, e possivelmente, a conquista da independência. Ao atingir os 30-40 anos, começam a perceber que transformações físicas e outras indicam o amadurecimento e a progressão do processo contínuo e inexorável de envelhecimento. Talvez, por isso, já há muitos anos, foi cunhada a frase “a vida começa aos 40 anos”.

☞ Beauvoir (1990), em seu livro **A Velhice** destaca que

“todos os homens são mortais. Um grande número deles fica velho, quase nenhum encara com antecedência este avatar. Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisível que a velhice. (...) “Quando adultos, não pensamos na idade: parece-nos que essa noção não se aplica a nós. Ela supõe que nos voltemos para o passado, e que interrompamos as contas, enquanto, impelidos para o futuro, deslizamos insensivelmente de um dia ao outro, de um ano ao outro. A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha”.

Para Queiroz (S. N), a preparação para a terceira idade deve começar na década dos 40 anos, prevenindo o envelhecimento rápido ou mesmo precoce e, tanto quanto possível, o aparecimento de doenças. Para um indivíduo com antecedentes normais, espírito aberto e compreensivo, o envelhecimento não trará maiores problemas.

### **Um pouco de História**

Em seu livro **o que é Velhice**, Mascaro (1997) destaca o valor dado ao idoso durante a Idade Média e até o século XVIII. Os idosos eram pouco numerosos, a vida era muito árdua e aqueles que sobrevivessem teriam que contar com a solidariedade da família ou com a caridade pública de senhores feudais e da igreja. A vida dos idosos continuou muito difícil no início do capitalismo e no século XIX, durante a Revolução



Industrial. Quando os idosos não eram ricos e poderosos, seu destino estava depositado nas mãos da família, que podia tratá-los com benevolência, mas também podia esquecê-los, abandonando-os em hospitais e asilos.

Muitas teorias antigas interpretavam o envelhecimento como um declínio, uma fraqueza do organismo e identificavam a velhice com a doença. A consideração da velhice como etapa negativa evoca condições superadas atualmente. A maior parte dos idosos que respondem às pesquisas em todo o país reconhece que sua situação é melhor que a de seus antecessores. A identificação velhice-morte é automática e pode ser uma importante e inconsciente razão responsável pela visão negativa da velhice.

A “terceira idade” é uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Sua invenção implica a criação de uma nova etapa na vida que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados, encarregados de definir e atender as necessidades dessa população que, a partir dos anos 70, em boa parte das sociedades européias e americanas, passaria a ser caracterizada como vítima da marginalização e da solidão, Barros (2000).

A antropologia ou sociologia do envelhecimento constituiu-se como campo específico de investigação a partir do surgimento de um novo fenômeno – o rápido aumento da população de mais de 60 anos, que virou um “problema social”. E o que tornou a velhice um problema social foram, sobretudo, as consequências econômicas, que afetaram tanto as estruturas financeiras das empresas, e posteriormente do Estado, com o advento das aposentadorias, quanto as estruturas familiares, que até então arcavam com os custos de seus velhos, incapacitados para sustentar a si mesmos.

A gerontologia e a geriatria transformaram-se, nos últimos 20 anos, em áreas especializadas do saber, abrigando um número crescente de profissionais dedicados ao tratamento da velhice.

### **Velhice ou Terceira Idade**

A gerontologia social trata dos fenômenos humanos associados ao fato de envelhecer, processo inerente a todo ser humano. Entretanto, a velhice, resultado do envelhecimento, é vulgarmente considerada como uma realidade que afeta somente uma parte da população. Os velhos se configuram como uma categoria independente do resto da sociedade, separados como grupo com características próprias.

Moragas (1997) destaca três concepções de velhice: velhice cronológica, velhice funcional e velhice, etapa vital.

Velhice cronológica é definida pelo fato de ter atingido os sessenta e cinco anos. Baseia-se nas idades tradicionais de afastamento de trabalho, profissional, cujo primeiro precedente surge com as medidas sociais do chanceler Bismarck, no século XIX. A idade constitui um dado importante, mas não determina a condição da pessoa, pois o essencial não é o mero transcurso do tempo, mas a qualidade do tempo decorrido, os acontecimentos vivenciados e as condições ambientais que a rodearam. A velhice funcional corresponde ao emprego do termo “velho” com sinônimo de “incapaz” ou “limitado”, e reflete a relação tradicional de velhice e de limitações. Trata-se de um conceito errôneo, pois a velhice não representa necessariamente incapacidade. A velhice humana origina reduções na capacidade funcional devidas ao transcurso do tempo, como ocorre com qualquer organismo vivo, mas essas limitações não impossibilitam o

ser humano de desenvolver uma vida plena como pessoa que vive, não somente com o físico, mas, sobretudo com o psíquico e o social. E por fim, a velhice, etapa vital, considerada a concepção mais equilibrada e moderna. De acordo com este ponto de vista, a velhice constitui um período semelhante ao das outras etapas vitais, como pode ser a infância ou a adolescência, mais estudadas por cientistas naturais e sociais. A velhice constitui uma etapa a mais da experiência humana, conhecido um mínimo de aptidão funcional e status sócio-econômico e, portanto, pode e deve ser uma fase positiva do desenvolvimento individual e social.

Para Beauvoir (1990),

“A velhice não é um fato estático, é o resultado e o prolongamento de um processo. Apesar de sua interdependência, o físico e o moral não seguem uma evolução rigorosamente paralela. Moralmente, um indivíduo pode ter sofrido perdas consideráveis antes que se esboce sua degradação física: ao contrário, é possível que, ao longo dessa decadência, ele realize ganhos intelectuais importantes. Cada um dará uma resposta diferente, segundo sua tendência a valorizar mais as aptidões corporais ou as faculdades mentais, ou um equilíbrio entre umas e outras. É a partir de tais opções que os indivíduos e as sociedades estabelecem uma hierarquia das idades: não há nenhuma que seja universalmente aceita.”

É preciso conhecer a idade cronológica, mas também as condições psíquicas, econômicas e sociais da pessoa, para que o conceito resultante represente a totalidade, e não somente aquela dimensão que impressione mais o observador.

✍ Mascaró (1997), apud Néri ressalta que.

“Embora a sociedade estipule os marcos de idade, o mais importante é perceber que a “idade da velhice” é relativa e não tem o mesmo significado para todas as pessoas. O envelhecimento, a vivência e a situação do idoso é marcadamente diferente se ele é rico ou pobre, se é saudável ou doente, se é dependente ou independente, se é homem ou mulher, se trabalha ou é aposentado, se mora em casa ou em asilo (...)”

O envelhecimento do ser humano pode ser diferenciado segundo vários conceitos. A psicóloga e gerontóloga Elvira C. Abreu explica que há a idade

cronológica, a biológica, a social e a psicológica. A idade cronológica é marcada pela data de nascimento da pessoa e nem sempre caminha junto com a idade biológica. A idade biológica é determinada pela herança genética e pelo ambiente, e diz respeito às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. A idade social relaciona-se às normas, crenças, estereótipos e eventos sociais que controlam através do critério de idade o desempenho dos idosos. A idade psicológica, bastante abrangente, envolve as mudanças de comportamento decorrentes das transformações biológicas do envelhecimento, é influenciada pelas mudanças no curso de vida, portanto algo extremamente individual.

### **A Nova Imagem da Terceira Idade**

A nova imagem dos idosos está transformando também a maneira de nomear as pessoas. Atualmente, chamar aquele que envelhece de velho pode expressar desprestígio ou desrespeito. A expressão velho, que nos leva a pensar em algo antiquado, desgastado ou obsoleto, foi substituída por idoso, significando a passagem do tempo e aquele que tem bastante idade. A fase da velhice foi substituída por terceira idade e mais recentemente por maturidade.

Para Veras (1997),

“No sistema de representação social da nova versão da velhice, os idosos desempenham um papel fundamental na construção de uma outra imagem que simbolize a liberdade e o lazer, ou mesmo de ser jovem em toda idade: cria-se o termo Terceira Idade. A invenção da Terceira idade surge a partir dos anos 60 para atribuir aos aposentados jovens e “dinâmicos” uma identidade positiva.”

Mascaro (1997) ressalta duas teorias gerontológicas, que explicam o bem-estar e a satisfação na fase da velhice por meio de duas concepções antagônicas: a atividade e o desengajamento. A teoria da atividade proposta por Cavan (1962) afirma que a pessoa idosa deve continuar a *manter uma vida ativa para uma maior satisfação na velhice*. A teoria do desengajamento, proposta por Cumming e Henry (1961), entende o envelhecimento como um processo de afastamento, de desengajamento universal, mútuo e inevitável dos idosos em relação ao seu mundo social. O desengajamento permite que a sociedade facilite aos idosos o seu afastamento eventual da vida social, e também o seu preparo para a aceitação da morte.

O idoso e os que estão a caminho do envelhecimento podem ser auxiliados através de medidas preventivas, capazes de melhorar sua saúde e qualidade de vida. Davis (1990) considera que a promoção da saúde no idoso requer o preenchimento de três condições fundamentais: a primeira refere-se ao reconhecimento, pela sociedade, dos direitos dos idosos à equidade, e a disposição para providenciar-lhes condição ambiental, social, econômica e habitacional, essenciais para o bem-estar; a segunda ressalta a disposição de médicos e profissionais afins de adquirir conhecimentos adequados de medicina geriátrica, imprescindíveis para a prevenção e a terceira diz respeito a uma organização administrativa que garanta a utilização ótima de recursos, a fim de conseguir melhor combinação de prevenção e de assistência de saúde.

É importante colocar, como ressalta Mascaro (1997) que para atingir uma velhice saudável é preciso entender que tudo aquilo que realizamos na juventude terá repercussão na fase da velhice. O escritor Osman Lins (1924) expressa com sensibilidade essa singularidade do processo de envelhecimento: “Conheci dezenas de velhices, para não dizer centenas. Ninguém pode ensinar-me o que é ser velho. Vi gente

envelhecer dez anos numa viagem de meses, vinte numa operação, trinta na morte de um filho”.

Para Cribier (1990), a Terceira Idade

“se inscreve numa organização da vida em três etapas: uma primeira idade, da dependência e imaturidade, da educação e socialização; uma segunda idade, da independência, maturidade, responsabilidades familiares e profissionais, de produção econômica e familiar; uma terceira idade, também de independência e maturidade, mas cujas funções sociais não são mais as mesmas: é tempo de usufruir e ele é consagrado à realização de si”.

A imagem estereotipada da velhice está se modificando com o aumento da diversidade de padrões e estilos de vida do idoso de hoje. Os indicadores físicos e mentais de envelhecimento são também variados e não correspondem necessariamente à idade cronológica. Os principais acontecimentos da vida ocorrem em épocas diferentes para diferentes pessoas.

Moragas (1997) diz que

“no passado, considerava-se inexistente a capacidade de aprendizagem, mas atualmente, graças a escolas de adultos, à aprendizagem de novos ofícios depois da aposentadoria e aos processos de reciclagem industrial, comprovou-se que os velhos podem aprender com facilidade e que sua motivação é, com frequência, superior à das gerações jovens.”

Para Mascaro (1997), o que atrapalha os idosos são os preconceitos, a idéia de que velhice é sinônimo de doença e incapacidade. Quando a capacidade intelectual de um idoso saudável é testada, constata-se que ele se aproxima muito da capacidade de um jovem saudável, com algumas particularidades mínimas que não comprometem o seu desempenho global. No entanto, se o idoso tem uma atuação mental prejudicada, é porque existe alguma doença que deverá ser diagnosticada e tratada.

A sede de conhecimento não é limitada pela idade. Observa-se a tendência de pessoas mais velhas freqüentarem a universidade. Adultos são bons alunos e a maioria

das faculdades os recebem bem. Alunos mais velhos também contribuem financeiramente para o sustento de faculdades que estão enfrentando a diminuição das matrículas de alunos mais jovens. O estudo pode ser a realização que o idoso está procurando. Estudantes adultos mais velhos vêem-se a si mesmos como mais maduros e em desenvolvimento.

Para finalizar este item, vale enfatizar que o idoso simboliza, sobretudo, as pessoas mais velhas, os “velhos respeitados”, enquanto terceira idade designa principalmente os “jovens velhos”. Os aposentados dinâmicos. E não é por acaso que surge um novo mercado para a terceira idade. Turismo, produtos de beleza e alimentares, bem como novas especialidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A terceira idade passa a ser a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea.

### **Desafio de Envelhecer**

Com freqüência, a sociedade considera idosa aquela pessoa que está se retirando do mundo do trabalho. A atividade laborativa do indivíduo termina, por lei, aos 70 anos, embora ele possa aposentar-se após 35 anos de serviço ou aos 60 e 65 anos de idade, conforme o sexo.

Beauvoir (1990) comenta em seu livro **A Velhice** como vê a aposentadoria:

“Contam-nos que a aposentadoria é o tempo da liberdade e do lazer. São mentiras deslavadas. A sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão “velho e pobre” constitui quase um pleonismo; inversamente: a maior parte dos indigentes são velhos. O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas, no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura”.

A aposentadoria é mais uma barreira para quem chega à Terceira Idade, principalmente para quem se sente capacitado, em plena atividade e exercendo função de chefia. O aposentado julga ser fácil encontrar outra atividade, pela sua prática, conhecimento, folha de serviço impecável. Pura ilusão: as portas estão fechadas para os velhos. Para as mulheres a situação é ainda pior, pois os valores dos atributos físicos da juventude são os únicos a prevalecer em nossa sociedade.

Assim como outros grupos etários, os idosos enfrentam mudanças que desafiam seu bem-estar físico e mental, que incluem: mudanças de papéis; mudanças de padrões familiares, de amizades e outras relações sociais; mudanças na situação econômica; mudanças de comportamento de corpo e mente e mudanças de interesse e de oportunidades. Para Kay (1999), nem todas as mudanças são positivas, mas é possível lidar com a velhice e suas vantagens, experiências e gratificações, assim como com seus desafios, se estiver preparado para enfrentá-los. A aposentadoria oferece a oportunidade de se dedicar a atividades interessantes, que podem ser autogratificantes e, ao mesmo tempo, úteis à comunidade.

Visto algumas noções de velhice e Terceira Idade, bem como alguns aspectos biológicos do envelhecimento, seguiremos com a compreensão do trabalho com grupos de idosos.

## 2.4 GRUPOS DE IDOSOS

Como foi colocado nos itens anteriores e Veras (1997) reforça em seu livro **Terceira Idade: desafios para o Terceiro Milênio**, ao longo dos anos, a representação social da pessoa envelhecida conheceu uma série de mutações que reclamavam,



sistematicamente, a criação de categorias classificatórias mais adaptadas à nova situação social, bem como à construção ética do indivíduo “velho”. Esta noção sempre esteve fortemente vinculada a duas outras: decadência e incapacidade ao trabalho. Assim, ser “velho” significava pertencer à classificação emblemática dos indivíduos desocupados e, geralmente, pobres. Percebidas negativamente, essas categorias são ainda empregadas, principalmente, para reforçar uma situação de exclusão social; não é por acaso que as pessoas pertencentes às camadas populares são freqüentemente chamadas de velhas, pois apresentam mais nitidamente os traços de envelhecimento precoce e de decadência.

O direito à pensão da aposentadoria possibilita a toda uma geração de trabalhadores uma situação de disponibilidade e ociosidade, pois cria novos hábitos e comportamentos cujo objetivo é combater o estigma da velhice. Entretanto, ao se apoiar na idade ou no tempo de serviço, a aposentadoria libera do trabalho indivíduos ainda produtivos e lhes atribui o estatuto de improdutivos. Se considerarmos que a valorização do trabalho e da produtividade é bastante enfatizada nas sociedades contemporâneas, a aposentadoria passa a representar, para alguns, a deterioração da pessoa. Para outras pessoas, sobretudo os “jovens aposentados” das camadas médias, a expressão “não ter o que fazer” designa, principalmente, o tempo liberado à cristalização dos velhos sonhos e à realização de um novo projeto de vida.

Surge, assim, um movimento de transformação da imagem dos “velhos” através de algumas iniciativas isoladas, no Brasil, como: centros de convivência (como já colocamos, o SESC em São Paulo foi pioneiro nesse trabalho), clubes de Terceira Idade, viagens organizadas, programações culturais, ginástica e esportes especiais surgem aqui e ali e Universidades da Terceira Idade são criadas em vários estados do país.

O lazer em grupo é um recurso eficaz de resistência e recuperação de prazeres perdidos no tempo, e que reúne homens e mulheres. Sempre mais mulheres (A população idosa hoje é majoritariamente feminina. Esse crescimento quantitativo se dá devido à redução da mortalidade materna, resultado das melhores condições de saúde). O idoso participante de grupos de terceira idade promove um sentido ambivalente, na medida em que constitui reação ao modelo cristalizado de “velho parado” da ideologia da “velhice”, e é ao mesmo tempo reconstrução dele, com a forma “velho mais dinâmico de hoje em dia”, onde resgata o prazer dos encontros, das danças e dos passeios.

Segundo Konopka (1977),

“Os grupos oferecem aos idosos a oportunidade de renovarem velhas amizades e desenvolverem novas para substituir as perdas da morte e de velhos amigos. Com a aposentadoria, a identificação através do agente empregador, ocupação ou profissão diminui ou desaparece. A identificação grupal proporciona um sentimento de valor próprio e de utilidade aos olhos das outras pessoas. Os grupos são os meios através dos quais a pessoa mais idosa pertence a algo maior do que ela própria ou sua família. Servem para expressar um ponto de vista, realizar tarefas, usufruir experiências que são apenas possíveis através de grupos, e fazer-se ouvir na comunidade e no mundo”.

Na nossa sociedade, a auto-estima está tão intimamente relacionada à tarefa que se realiza e ao dinheiro que se ganha que a aposentadoria pode representar, facilmente, uma perda na auto-estima. Ter valor no grupo por aquilo com que se contribui para o seu êxito, ser recompensado pelo respeito dos membros por aquilo que se representa como pessoa, e ser elogiado pelo que se pode realizar favorecem o desenvolvimento da auto-estima. As pessoas mais idosas muitas vezes ficam totalmente por sua própria conta sobre o que farão em sua velhice. A participação nos grupos ajuda a reforçar e ampliar, focalizar e definir essas expectativas.

Segundo Konopka (1954), é importante que sintam que são realmente “cidadãos integrais” numa comunidade que os aceita como seres humanos capazes. A contribuição do assistente social para as pessoas idosas e institucionalizadas é feita para favorecer essa possibilidade, por oferecer oportunidades para fazer tais contribuições e relacionar as pessoas idosas mais satisfatoriamente ao grupo que tomou a tarefa da substituição vital da família.

Como afirma Salgado (1980), clubes e centros de convivência constituem, sem dúvida alguma, o modelo de serviço mais difundido e aceito em todo o mundo, por apresentar a resposta mais afetiva e imediata à questão fundamental da problemática do idoso, ou seja, o isolamento social.

Na sua quase totalidade, os clubes atraem seus participantes pela proposta da ocupação do tempo livre com atividades de lazer, em diferentes campos de interesse, como, por exemplo, cultural, intelectual, físico, manual e artístico. Entretanto, todas as pesquisas realizadas com freqüentadores desses núcleos revelam ser o contato interpessoal e grupal a fonte de maiores satisfações.

## 2.5 GRUPOS DE ESTUDO PARA A TERCEIRA IDADE

No esforço de manter a participação social e a integração de qualquer grupo etário, a sociedade em geral exige, acima de tudo, a manutenção do nível de informação e compreensão de todas as modificações que ocorrem no meio. Segundo Salgado (1980), essa necessidade se torna ainda mais evidente para a categoria etária dos idosos, para os quais são extremamente importantes as informações sobre o processo do

envelhecimento e as transformações rápidas e sucessivas que ocorrem no mundo que está à sua volta.

Para Mello (1994)

“A vida é um eterno aprendizado. Em todas as fases da vida temos condições de aprender a viver plenamente e em profundidade. Em cada fase específica, porém, destaca-se uma força inerente, uma qualidade ativa (virtude) que nos permite esta arrancada definitiva. Na infância é a esperança, na idade lúdica é a vontade e o propósito, na adolescência é a fidelidade, na juventude é o amor, na maturidade é a assistência, na velhice é a sabedoria”.

O programa de Escola para idosos contribui efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e propicia, inclusive, a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir até mesmo para a solução de alguns problemas, quer do seu grupo familiar, quer das comunidades das quais fazem parte.

Para Debert (1994)

“Ao mesmo tempo em que aumenta o contingente de idosos no Brasil, ganha força a idéia de que novos conteúdos podem ser atribuídos à experiência do envelhecimento. Aos poucos, abandona-se o pressuposto de que o avanço da idade é algo negativo em si mesmo, para valorizar-se a velhice, um momento privilegiado da vida, no qual a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram o seu auge e são vividos de maneira mais madura e profícua”.

Os motivos que levam os idosos a freqüentarem esses grupos estão ligados principalmente à ocupação do tempo livre, com atividades que acrescentem algum benefício à vida do participante, convivência com outras pessoas mais ou menos da mesma idade, informações sobre como administrar a própria saúde, aquisição de novos conhecimentos, momentos de recreação e divertimento, envolvimento em programas sociais de solidariedade comunitária etc. Outros fatores são também importantes nessa freqüência, como sentimento de utilidade nas prestações de serviços grupais,

manifestação de afetividades, oportunidades que a vida em grupo oferece.(Equipe de Técnicos do SESC São Paulo, 1994).

Nos últimos anos, inúmeras instituições públicas e privadas vêm abrindo suas portas para os idosos. O significativo incremento desse tipo de atendimento tem envolvido um número crescente de profissionais, formados em áreas, como Educação Física, Serviço Social, Psicologia, Terapia Ocupacional, Educação Artística, entre outras.

No próximo capítulo abordaremos o Projeto GRUPATI, objeto do presente trabalho. Discutiremos a compreensão de aprendizado na terceira idade, bem como os objetivos que norteiam essa ação pedagógica. Apresentaremos, também, a análise da pesquisa que realizamos junto a esse projeto e como se deu na prática o aprendizado nesse grupo.

### III CAPÍTULO

#### 3 GRUPATI – Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade

Muitos autores dão ênfase à idéia de que a aprendizagem mais importante é o aprender a aprender, mas é necessário ter claro que o conhecimento construído mais significativo é o que se apresenta como produto da descoberta de nós mesmos como seres inteligentes e transformadores.

Atualmente vivemos um momento de complexidade e de equilíbrio, pois educadores e educandos sabem muito, e, portanto, todos podem ensinar e todos podem aprender.

Adultos e idosos, por suas interações sociais, são desafiados a resolver problemas concretos de vida e sabem muito do mundo. O dia-a-dia faz com que as pessoas busquem a tomada de decisões, exigindo bastante esforço mental.

A grande proposta do GRUPATI – Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade – é a “construção do saber sem limites de tempo e espaço”, aliada à experiência de vida de cada integrante.

Para o estabelecimento de um verdadeiro diálogo pedagógico, o incentivo à reflexão, à análise crítica e aos questionamentos é condição primordial para a concretização da proposta do GRUPATI.

Atualmente a educação para idosos vem sendo oferecida de modo mais intensificado e com diferentes formas de abordagem. Oferecer novas alternativas de socialização de saberes e aquisição de novos conhecimentos é um dos objetivos primordiais deste trabalho.

No mundo de hoje, o avanço tecnológico, cada vez mais, exige das pessoas atualização e educação permanente.

Para Libâneo (1991)

“a finalidade da educação na sociedade é preparar o aluno para as tarefas da vida social. O isolamento social tem sido a consequência mais freqüente nos grupos que não se atualizam e não participam. Assim, as pessoas da Terceira Idade, principalmente aquelas que já se afastaram do processo produtivo, vivenciam com mais freqüência esse isolamento social”.

Talvez por isso um fenômeno social vem se multiplicando nas sociedades modernas: a criação de escolas e cursos destinados a idosos e aposentados. Para lidar com pessoas de faixa etária mais avançada, deve-se ter conhecimento de algumas de suas idiossincrasias para planejar ações educativas mais eficazes.

Para Paiva (1999), psicóloga e professora de Gerontopsicologia, os objetivos que norteiam qualquer ação pedagógica para a Terceira Idade devem levar em consideração três pontos: 1. permitir a transmissão de novos conhecimentos e valores; 2. atualizar capacidades potenciais; 3. eliminar o isolamento social e afetivo.

Conforme já foi colocado no capítulo anterior e segundo estudos realizados (Geist, 1977 e Gribbin, 1979), não há comprovação de que a inteligência diminui quando se envelhece. As pesquisas indicam ainda a manutenção das aptidões verbais e leve diminuição das aptidões numéricas, e também diminuição na aptidão mnemônica para fatos recentes. A memória do passado, no entanto, se mostra intacta.

Vilma Paiva (1999) apresenta a seguinte afirmação:

“Os estímulos, que trabalham com a percepção visual, contribuem mais eficazmente para a aprendizagem do que aqueles que trabalham a percepção auditiva. Assim, as atividades que priorizam os recursos auditivos (como a fala) levam facilmente à dispersão e, por conseguinte, ao afastamento dos objetivos propostos. No entanto, se a fala é associada a figuras, a objetos e a outros recursos visuais, mais facilmente o evento será compreendido e memorizado”.

No envelhecimento, é possível identificar lentidão do raciocínio e das capacidades sensoriais e motoras, quer para tarefas que exijam compreensão, execução ou locomoção. Por isso é preciso estabelecer um tempo maior para a realização dessas tarefas. O passado de cada um representa a identidade pessoal e possui um significado subjetivo. Portanto, a experiência acumulada dos alunos da Terceira Idade não deve ser menosprezada, mas valorizada na realização de qualquer tarefa.

O GRUPATI tem por objetivos estimular a formação de agentes multiplicadores, desenvolvendo o espírito crítico e o desenvolvimento da criatividade; trabalhar as relações interpessoais, oportunizando a construção do saber; oferecer novas alternativas de socialização e de novas abordagens de conhecimento e propiciar condições para que o idoso atue mais, conquistando novos espaços.

O GRUPATI oferece aos idosos (com idade mínima de 52 anos) a oportunidade de redescobrirem o seu potencial e permitir que se percebam como sujeitos que podem e devem ser valorizados como cidadãos ativos e participantes, dando continuidade à contração de seu saber e proporcionando a troca de conhecimentos, pela experiência vivida.

A metodologia de trabalho desenvolveu-se através de encontros semanais, com duração de duas horas, onde são abordadas questões referentes ao envelhecimento e assuntos diversos de interesse dos idosos, como: Tecnologias Emergentes, Política



Nacional do Idoso, Direitos do Idoso, mudanças ocorridas na sociedade (histórica, geográfica, cultural e socialmente), dentre outros. Além das aulas em sala, o grupo também realiza aulas práticas fazendo visitas a museus, praias e outros lugares onde possam aliar a teoria à prática.

Após divulgação junto à classe comerciária e grupos da comunidade, realiza-se o lançamento do Projeto para apresentação detalhada da proposta visando dar início ao trabalho.

A avaliação é feita no decorrer de cada encontro, com os próprios integrantes e com a equipe de profissionais envolvida. Como o trabalho envolve exclusivamente o recurso humano da comunidade, apontam-se como parceiros: Universidades, órgãos públicos, empresas, profissionais liberais, etc. É aberto espaço para que técnicos das unidades contribuam com suas experiências profissionais.

De acordo com as experiências vivenciadas pelas Unidades Operacionais, o **GRUPATI** tem se desenvolvido em duas etapas distintas, em média com vinte encontros em cada etapa, a previsão é de que tenha duração de um ano. A frequência é de encontros semanais, com duração média de duas horas. A divulgação intensiva é inicialmente junto aos idosos nas atividades da Unidade (Educação Infantil, Cursos, grupos de convivência, etc.) e a realização constante de avaliação.

No item a seguir enfocaremos como se deu o processo de realização da pesquisa, será descrita toda a metodologia adotada para a obtenção dos dados e por conseguinte suas análises no decorrer do trabalho.

### 3.1 A PESQUISA

O estudo empregado neste trabalho foi o estudo de caso. Segundo VERGARA (1977), trata-se de uma investigação objetivo-descritiva-qualitativa dos fatores que justificam a existência e atuam sobre o funcionamento da entidade. Estudam-se as variáveis em questão na forma como elas são e não como deveriam ser.

A pesquisa foi realizada junto aos idosos que participam do projeto GRUPATI no SESC Florianópolis. Foram entrevistados 50 % dos idosos que participam deste projeto, o mesmo hoje possui 28 integrantes. Para as entrevistas seguimos o seguinte critério: assiduidade no grupo e participação no grupo por mais tempo.

Foram utilizadas como técnicas de coletas de dados a entrevista informal, realizada junto aos idosos pré-selecionados, a observação participativa e histórias de vida, assim como os conhecimentos adquiridos na experiência como estagiária no setor de grupos do SESC.

A entrevista, segundo Cervo e Bervian (1975), tornou-se, nos últimos anos, um instrumento de que se servem constantemente os pesquisadores em ciências sociais e psicológicas. Recorre-se à entrevista sempre que têm necessidade de dados que não podem encontrar em registros e fontes documentárias e que podem ser fornecidos por certas pessoas. Esses dados serão utilizados tanto para o estudo de “fatos” como de casos ou de opiniões. A entrevista é uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, através do interrogatório do informante, dados para a pesquisa.

Na observação participativa foram levados em conta as anotações e registros feitos ao longo do desenvolvimento do projeto, bem como algumas considerações feitas pelos próprios idosos.

Por fim, as experiências relatadas pelos idosos (histórias de vida) contribuíram para o enriquecimento da análise teórico-empírica, relacionadas às perguntas feitas na entrevista.

As entrevistas foram realizadas num ambiente informal. Os dados que não foram possíveis coletar com os entrevistados foram conseguidos através de documentos e registros internos, livros e periódicos pertencentes ao SESC.

Após a obtenção e coleta das informações, realizamos uma análise das expectativas dos idosos em relação ao GRUPATI, a fim de fornecer subsídios para a resposta do presente projeto, que foi identificar os aspectos que motivam os idosos pela busca do saber na terceira idade. Levou-se em consideração que para se realizar uma análise, não basta pura e somente os instrumentos apurados na coleta de dados. É necessário confrontar a atividade prática com a fundamentação teórica.

Antes de iniciarmos as entrevistas, expusemos a cada idoso selecionado para a mesma o motivo dessa pesquisa, e do que se tratava. Explicamos também que no trabalho trocaríamos seus nomes por nomes fictícios, embora os mesmos expressassem que gostariam que fossem identificados.

Antes de iniciarmos as entrevistas, solicitamos que preenchessem um questionário com algumas perguntas pessoais, tais como: nome, idade, estado civil, número de filhos, escolaridade, nível de relacionamento familiar e por fim se praticavam alguma atividade remunerada atualmente.

As entrevistas foram gravadas e feitas individualmente, com a preocupação de deixar os entrevistados descontraídos.

As questões que nortearam nosso estudo foram as seguintes:

1. Como soube do Projeto GRUPATI?

2. O que te levou a participar desse Projeto?
3. O que o GRUPATI significa para você hoje?
4. Que contribuição o GRUPATI trouxe para sua vida?

No próximo item apresentaremos o perfil dos idosos que participam do Projeto GRUPATI, bem como os resultados do nosso estudo, a fim de apresentar e compreender os motivos que levam os idosos a buscarem o saber na terceira idade, identificando os fatores motivacionais que os levam a participar do Projeto GRUPATI, objeto do presente trabalho.

### 3.2 ANÁLISE DA PESQUISA

#### 3.2.1 PERFIL DOS INTEGRANTES DO PROJETO GRUPATI

A faixa etária do grupo se situa entre 61 a 75 anos, com exceção de uma senhora de 55 anos, mas que de certa forma demonstra identificação com as necessidades e objetivos do grupo, além de participar junto com o esposo deste projeto. A amostra se constitui de um grupo de 10 mulheres e 4 homens. A grande percentagem de mulheres (78%) no conjunto apreciado justifica-se pelo fato de a população idosa ser na sua maioria feminina e segundo França (1990), o homem é geralmente mais preconceituoso que a mulher, “a mulher sente mais necessidade de agregamentos com fins de relacionamento social do que o homem”.

Na maioria são viúvos, os demais estão assim distribuídos: 04 casados, 01 desquitado e 01 solteiro. O número de filhos varia entre 03 e 07, predominando o número de 04, todos maiores de idade, e na sua maioria casados. Dos 14 entrevistados, 07 moram com os filhos, 04 com o cônjuge e filhos e 03 moram sozinhos.

Quanto ao relacionamento com os familiares, somente 03 disseram não ser muito bom devido a problemas com os filhos. Os demais se relacionam de forma satisfatória. O nível de escolaridade varia: 02 são semi-alfabetizados, 06 têm ensino fundamental e 06 possuem nível médio. Do total dos entrevistados apenas 01 idoso, além de sua aposentadoria, exerce atividade remunerada, os demais são pensionistas ou recebem benefícios do Estado.

Observou-se ainda que, em geral, todos os entrevistados são pessoas ativas, mantêm-se ocupadas com os cuidados da casa, dos filhos, dos netos, ou ainda pertencem a outros grupos, como grupos de convivência, tanto no SESC como em outras instituições. A seguir analisaremos os depoimentos relatados.

Na análise dos depoimentos expressos nesta pesquisa, descreveremos primeiramente as falas mais significativas dos idosos, levando em conta as questões norteadoras, e posteriormente faremos a análise compreensiva das questões abordadas na entrevista.

Os primeiros depoimentos dizem respeito à forma pela qual souberam do Projeto GRUPATI.

1. "Por vocês mesmo, pelas estagiárias, e pela Maurília (Assistente Social, técnica responsável pelo setor de grupos), que ela vinha nos grupos convidando para fazer parte do GRUPATI que era um grupo de estudos da terceira idade, aí eu me agradei da idéia né, e resolvi participar".
2. "Eu sou freqüentador do SESC, vai pra sete anos e já exerci aqui muitas atividades, e numa delas se não me engano, no Era uma vez (projeto do SESC – relação intergeracional), o Aldo me convidou dizendo do GRUPATI, assim sendo, eu me escrevi e to até hoje e gostando muito, diga-se de passagem, principalmente pela coordenadora que nós temos hoje que é a Thaiz".
3. "Eu soube por intermédio de diversas pessoas que aqui no SESC me convidaram porque eu já faço parte aqui desde de 1994, então vieram me apresentar o GRUPATI do qual eu faço parte, sendo até fundador dele".
4. "Foram avisar lá no Grupo Vida e eu pensei, acho que eu vou. É pra estudar, ter mais conhecimento pras coisas".

5. "Através do próprio pessoal do SESC, da orientadora, com a relação, a comunicação. Foi através do grupo de convivência que soube do Projeto GRUPATI".

Podemos observar com os depoimentos acima que pelo fato de alguns participantes do GRUPATI já fazerem parte de outros grupos ou participarem de outras atividades do SESC, como aparece em todos os relatos, foi um fator imprescindível para que os mesmo tivessem conhecimento desse projeto.

Outra observação importante que devemos destacar diz respeito às técnicas de comunicação e motivação que o assistente social se utilizou para alcançar o fim desejado, que era de atrair pessoas para participar do Projeto GRUPATI. E quão importante é desenvolver uma recíproca interação entre coordenador e membros do grupo como evidencia o relato n.º2.

Essa interação, segundo Northen (1974), consiste numa seqüência de padrões de conduta e de atributos que se espera da profissão de assistente social, da agência que o emprega e das pessoas para quem ele trabalha. Dentro do grupo suas condutas reais são influenciadas pelas expectativas dos membros e pela natureza do desenvolvimento do grupo. Sua posição no grupo lhe dá uma certa autoridade para motivar os membros para mudanças de atitudes e de conduta e para influir na estrutura e nos processos do próprio grupo.

O uso do relacionamento é da máxima importância na motivação dos membros para que descubram e desenvolvam suas capacidades, para que tenham auto-estima, mas também para que aceitem e usem a contribuição do assistente social.

Ficou claro também com os relatos a importância da habilidade de comunicação, do fazer-se entender, como salienta o relato n.º 5, pois só quando uma pessoa

compreende o intuito das mensagens que lhe são enviadas, é que esta pode responder de maneira adequada às expectativas da outra.

No que diz respeito à comunicação, Konopka (1977) ressalta que os relacionamentos entre os seres humanos, seus sentimentos e seus pensamentos, são expressos de muitas formas diferentes e uma das principais maneiras de expressão são as palavras. No entanto, acrescenta ainda que a comunicação não-verbal também é muito importante no trabalho com grupos. As atividades, o fazer em comum (ou isoladamente, quando necessário à pessoa), permitem a manifestação de sentimentos ou a identificação com pessoas a quem se admira e de quem se necessita.

A segunda questão abordada na pesquisa refere-se aos motivos que os levaram a participar do Projeto GRUPATI.

1. "Novos conhecimentos, novas relações, trazer à tona o que já estava, assim, muito distante, entende. Passeios instrutivos".
2. "Há, fazer a mente trabalhar um pouquinho mais, porque agente fica esquecida de certas coisas que já aprendeu e assim, teve um ano que agente teve aula de história né, lembra toda aquela parte da história que eu adoro, geografia, essas coisas assim, eu gosto muito, é muito bom".
3. "Olha, pra não ficar muito parado em casa, porque não é bom, e para exercitar minha memória, porque não é só o corpo, o físico o mais difícil é exercitar a memória".
4. "Quando eu soube da finalidade do projeto, me interessou muito porque eu sempre fui uma pessoa muito curiosa, e pela idade eu tenho alguma experiência de vida, mas nunca se sabe tudo, então como eu sempre fui muito curioso, sempre quis saber das coisas né, aumentar a minha carga cultural, eu resolvi entrar então no GRUPATI pra aumentar um pouco mais meus conhecimentos".
5. "A integração com outras pessoas né da nossa idade, os mesmos gostos, as mesmas alegrias, as mesmas dores, e também a oportunidade de ter mais conhecimento".

Evidencia-se nestas falas as palavras: "trazer à tona", "fazer a mente trabalhar", "exercitar a memória" e "aumentar a carga cultural", os idosos expressam a necessidade de atualizar-se, de adquirir novos conhecimentos e de aprofundar outros já existentes.

Observa-se também a carência de novos relacionamentos e da convivência com pessoas afins como aparece no relato n.º 5.

Amaral (2000) afirma que homem como ser social necessita viver dentro de uma cultura. O conceito de cultura é oposto ao conceito de natureza. Apesar de ser um produto da natureza, esta não o cria; pois, deixado à própria sorte, o homem não se desenvolve, não cresce, não se identifica, e nem se comporta como homem. Portanto, desde o nascimento o homem passa a ser progressivamente um ser da cultura; precisa modificar a natureza à sua volta e adaptá-la às suas necessidades. A palavra cultura tem a mesma origem da palavra agricultura, vem do verbo latino *colere*, com significação de cultivar, colher, acrescentar alguma coisa à natureza. Essas considerações se afirmam claramente no relato n.º 4, onde o idoso expressa essa necessidade de desenvolver e ampliar sua cultura intelectual.

Segundo ainda este autor, existem necessidades naturais da vida em sociedade, presentes em qualquer condição social, que são mais facilmente identificáveis, por traduzirem uma condição biológica. Entretanto, há outras necessidades, dentre as quais se destacam as do plano social e cultural.

É somente através da educação que se pode garantir que os indivíduos se preparem para um envelhecimento consciente, e que os conhecimentos científicos e tecnológicos proporcionem uma vida mais digna e qualitativa.

Através da nossa experiência como coordenadora de grupo, podemos observar que atividades educativas, culturais e sociais contribuem para a ampliação de conhecimentos, mudança de valores e hábitos, interação grupal e social e principalmente para uma melhora da auto-estima e da qualidade de vida.



O acesso à cultura e ao lazer, independentemente da faixa etária de qualquer cidadão, é um fator de crescimento, de conhecimento, de interação, de descoberta e vivência de emoções, elementos essenciais à preservação e manutenção de uma vida mais produtiva e saudável.

Simone de Beauvior (1990) afirma que

“o indivíduo, se a cultura não fosse um saber inerte, adquirido de uma vez por todas e depois esquecido, se fosse prática e viva, e se através dela tivesse sobre o seu meio um poder de realização e renovação ao longo dos anos, em todas as idades, seria cidadão útil e produtivo”.

A cultura é um grande auxiliar na aceitação da maturidade porque, sendo uma atividade do pensamento, oferece probabilidades de se preencher a própria existência, ou achar um modelo paralelo para se dedicar a uma atividade, que não foi aproveitada por falta de tempo na vida ativa.

Não podemos nos distanciar da importância de se atribuir esses e outros aspectos já acima citados, na vida em grupo, onde o crescimento intelectual e o desenvolvimento de outras habilidades poderão ser melhor desenvolvidos.

De acordo com o relato n.º 5 podemos observar ainda a necessidade de se conviver com pessoas da mesma idade, o que ajuda a fortalecer cada idoso e o grupo como um todo.

Segundo Konopka (1977),

“O papel do assistente social de grupo consiste em promover os relacionamentos de seus membros separadamente e de os tornar o mais significativo possível. No serviço social de grupo o indivíduo se encontra cercado por outros “no mesmo barco”, com seres iguais. Permite um sentimento de identificação, que é impossível atingir em bases individuais. O assistente social de grupo sempre procura aumentar a interação e a troca de experiências entre os membros”.

Assim como a convivência em grupo traz benefícios ao idoso em particular, também a força do grupo tem contribuído muito para a aceitação, afirmação, e para uma nova relação dos idosos junto à comunidade e à sociedade em geral. Melhorando sua condição individual, grupal, o idoso melhora também suas relações sociais. Convivências e experiências acumuladas durante muitos anos levam o indivíduo a reflexões que possibilitam a conquista de formas mais elevadas de convívio e contribuição social.

Para os idosos integrantes do GRUPATI, a aposentadoria contribuiu para novas oportunidades de vida útil e produtiva, eles ocupam seu tempo livre com uma atividade criativa e intelectual. Como revela o relato n.º 3, a questão de preencher o tempo, de como usar o potencial que se tem e de como ser útil socialmente é facilmente observada.

Os depoimentos a seguir relatam o que o GRUPATI significa hoje para os idosos integrantes deste Projeto, segundo os entrevistados:

1. "Hoje significa tudo, eu sou capaz de deixar até um passeio, um aniversário, uma festa, pra ir pro GRUPATI, segunda-feira pra mim é sagrado".
2. "Significa muita coisa boa né, conquistei muita amizade, muita coisa boa, vocês são muito boas".
3. "Há... muita coisa, amizade, as meninas fazem parte assim do meu dia-a-dia eu trago cada uma de vocês dentro do meu coração com amor e um carinho tão profundo que vocês não imaginam".
4. "Primeiramente, o encontro de amigos juntamente com você, em segundo, como eu disse ainda pouco né, porque nos estamos estudando, já estudei a coisa de 50, 60 anos atrás e muita coisa agente esquece e aqui no GRUPATI agente recupera, muita coisa".
5. "Hoje para mim, é muito bom porque além de estudar, se faz novas amizades, muita gente nova que entrou que não fazia parte dos grupos que eu conhecia, e outros que já faziam parte. Então eu penso que esse tipo assim de amizade é muito bom para a vida da gente".
6. "Uma relação muito boa e tranqüila, amizades, muita dinâmica, palestras, coisas que assim, como eu já disse uma vez, o que estava esquecido, trazer de volta a tona".

As palavras que os idosos usaram referindo-se ao significado que o GRUPATI tem em suas vidas como: “significa tudo”, “é sagrado”, “muita coisa boa”, “muito bom”, “uma relação muito boa e tranqüila”, traduzem sensivelmente a importância que os idosos atribuem a esse projeto. O fato de ter um espaço e a oportunidade de aumentar seus conhecimentos e ao mesmo tempo conhecer outras pessoas, relacionar-se, integrar-se, facilita nossa compreensão ao entender o valor desse projeto na vida de seus membros.

No relato n.º 3 a entrevistada explicita os sentimentos que tem pelos outros membros do grupo. Max Pàges apud Rodrigues (1978) nos diz que em qualquer grupo, desde os primeiros instantes de sua existência, estabelece-se um elo positivo entre os membros. A comunicação dos sentimentos, das atitudes pessoais em relação aos homens e à vida, que se estabelece inevitavelmente num grupo, embora de maneira muito indireta, cria desde o primeiro instante, uma solidariedade entre os membros do grupo.

Wilson e Ryland (1954) nos colocam que o fato de uma pessoa se sentir aceita no grupo faz com que sinta que tem importância para outros e que é compreendida por alguém. Em grupo é mais facilmente perceptível observar a satisfação de um membro ao se sentir reconhecido como indivíduo, sentir que o que diz é interessante e que outros membros o ouvem com deleite.

Para Konopka (1983), os grupos são o meio através do qual as pessoas mais velhas pertencem a algo maior do que elas próprias ou sua família. Servem como canal através do qual o indivíduo pode agir em uníssono com os demais para expressar um ponto de vista. Realizar tarefas, usufruir experiências que só são possíveis através de grupos e se fazer ouvir na comunidade e no mundo, sentir-se útil e vivo.

Percebemos, no decorrer das atividades desse projeto, e com base nos relatos acima, a importância que o mesmo vai adquirindo na vida de seus membros, o prazer, a alegria, o afeto e o carinho com que cada um se refere ao GRUPATI. Em todos os relatos e principalmente nas falas n.º 1 e n.º 3, podemos observar o quanto é importante para esses idosos a vida em grupo. E ainda o valor do trabalho desenvolvido pelo assistente social de grupo. Voltamos aqui a enfatizar o papel do assistente social em promover e ampliar os relacionamentos de amizade e a integração dos membros do grupo.

Por fim, perguntamos aos entrevistados quanto às contribuições que o GRUPATI trouxe em suas vidas.

1. "Despertou o espírito de liderança que não sabia que existia em mim. É porque sempre os meus irmãos tomaram a frente de tudo, eu nunca tomei... sempre tomava partido mais nunca liderava, e agora quando do GRUPATI precisa de alguma coisa eu me ofereço para tomar a frente".
2. "Um pouco de esclarecimento né, que agente se motiva a ir lá atrás de alguma coisa, se integra é muito bom".
3. "Muita coisa, é aquilo que eu falei né, eu vou repetir, eu to aprendendo aquilo que eu nunca aprendi e no meio de pessoas que convivem comigo, e me dão toda a força para aprender cada vez mais".
4. "O GRUPATI, pelo número de pessoas que compõe (atualmente 28 pessoas), trouxe realmente alguns conhecimentos a mais, mais experiência de vida, o convívio é sempre muito importante, com pessoas mais novas ou mais idosas, agente está sempre aprendendo e é o que está acontecendo comigo".
5. "Hoje eu sou uma pessoa mais feliz do que antes né, porque antes eu não tinha assim, tantas amizades, eu já era casada há muitos anos, os filhos já estavam saindo de casa, de repente isso pra mim foi muito bom. Eu acho que sempre é bom agente aprender alguma coisa né".

De acordo com os relatos apresentados, principalmente o n.º 1, percebemos claramente o quanto fazer parte de grupo é importante para, dentre outros motivos, desenvolver algumas capacidades que o próprio indivíduo desconhece ter e ainda

aperfeiçoar outras tantas e o quanto é essencial promover a oportunidade para estimular tais comportamentos.

Como o Projeto GRUPATI não se trata de um grupo de convivência e sim de um grupo de estudos e atualização, a noção de liderança não foi acrescida ao presente trabalho. No entanto, em resposta à pergunta acima citada, a idosa colocou que a contribuição que o GRUPATI trouxe em sua vida foi de despertar o espírito de liderança que a mesma desconhecia em si. Surgiu então a importância de desenvolvermos neste momento uma noção de líder.

Bastos Apud Rodrigues (1978) afirma que as funções de liderança podem ser divididas em duas categorias: aquelas referentes à locomoção do grupo, que são relativas às tarefas que se destinam a assegurar o atendimento dos objetos do grupo, têm por finalidade facilitar e coordenar o esforço do grupo no equacionamento e resolução de um problema comum; e aquelas referentes à manutenção, que são as que visam aprimorar as relações de trabalho. Destinam-se a alterar ou manter o modo de trabalho do grupo, fortalecendo, regulando e mantendo a sua coesão.

Segundo esse autor, o papel que o membro desempenha para o crescimento do grupo deve ser distinguido do uso que o membro faz do ambiente do grupo para satisfazer suas necessidades individuais. Esta concepção funcional supõe que os comportamentos de liderança não são fixados pela hereditariedade e nem pelas experiências da infância e que podem ser apreendidos e aprimorados. Supõe ainda que todos os membros de um grupo podem exercer a liderança, que grupo se concebe menos como o caso de um líder e seus seguidores e mais um conjunto de pessoas que contribuem e participam com diferentes graus de afetividade, para as operações de trabalho.

Segundo Rodrigues (1978), o serviço social procura motivar e desenvolver a participação, pela utilização do processo grupal (já desenvolvido no capítulo anterior), procurando dinamizar as relações entre os membros que o compõem, valorizando suas aptidões e capacidades de execução de objetivos comuns ou externos ao grupo e favorecendo o desenvolvimento pessoal de cada participante, no que se refere a sua capacidade de dar e receber, de assumir responsabilidades e partilhar com os demais.

Para Bordenave (1983),

“A participação é uma necessidade humana, o ser humano possui certas necessidades óbvias, como o alimento, o sono e a saúde, mas também possui necessidades não-óbvias, como o pensamento reflexivo, a autovalorização, a auto-expressão e a participação, que compreende as anteriores. (...) A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, e afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo”.

Segundo esse autor e como se evidencia no primeiro relato, a participação pode ser aprendida e aperfeiçoada pela prática e a reflexão. “Sua qualidade se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade, a refletir, a superar contradições reais ou aparentes”. Ninguém nasce sabendo participar, mas, como se trata de uma necessidade natural, a habilidade de participar cresce rapidamente quando existem oportunidades de praticá-la.

Analisando os depoimentos apresentados acima, percebemos que, de um modo geral, fazer parte de Grupo é muito importante para o idoso, a possibilidade de encontrar novas amizades e a motivação para uma maior participação e atuação na sociedade fortalecem sua identidade e valor pessoal. Participando de grupo, os idosos redescobrem vários talentos há muito adormecidos, ou até mesmo que nunca imaginaram possuir. A relação de afeto estabelecida entre os membros contribui para um progresso do ponto de vista emotivo e intelectual, desenvolvendo no idoso o sentimento de não estar só,

tornando maior a capacidade de cumprir eficientemente suas funções na comunidade e nas outras coletividades às quais pertence. Pertencer ativamente de um grupo é uma experiência construtiva na vida de todas as pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muitos anos o Brasil projetou-se como um país eminentemente jovem. A estrutura demográfica representava uma base ampla e um cimo reduzido, representando a população idosa. Na modalidade dos tempos, experimenta o país uma transição demográfica, criando uma nova imagem, com redução da base e a ampliação do ápice, indicando o envelhecimento da população.

Em vista do avanço tecnológico e da medicina, a proporção de pessoas idosas em relação ao total da população atinge, atualmente, níveis superiores aos de qualquer outra época da história. A aposentadoria chega ao idoso aproximadamente entre os 60-65 anos idade. Com o aumento da expectativa de vida, o idoso enfrenta algumas mudanças, positivas e negativas em relação ao tempo livre adquirido. Negativas por sentirem-se desvalorizados pelo fato de ainda serem capacitados para exercer as atividades laborativas, ou ainda por não mais se sentirem úteis na sociedade ou na família; as positivas referem-se à disponibilidade de se dedicar a outras atividades de seu interesse, desprendendo-se da responsabilidade do trabalho. Diante dessa realidade, surgiu pioneiramente no SESC, posteriormente em outras instituições, centros de convivência, clubes de Terceira Idade e programações culturais voltadas para o idoso, com a preocupação de reinseri-lo na sociedade, promovendo sua auto-valorização.



Observou-se, nos últimos anos, que a sociedade brasileira tem identificado a realidade e a dimensão do processo de envelhecimento. As oportunidades e os espaços sócio-culturais estão mais numerosos e diversificados.

Hoje as perspectivas de envolvimento e contribuição do idoso se ampliaram significativamente. O idoso está consciente de que é preciso se informar, entender as transformações, acompanhar a realidade atual, estar receptivo para as novas experiências e refletir sobre a importância de conservar a mente e o corpo em atividade permanente.

Os idosos que participam do Projeto GRUPATI demonstram essa consciência além também de um nível maior de segurança pessoal e, sobretudo, uma consciência sólida e abalizada sobre a questão do envelhecimento e dos seus direitos como idoso. De certo modo tiram o real proveito da experiência acumulada e das conquistas já alcançadas. Mostram-se libertos de preconceitos, vivem com mais independência de atitudes, de gestos, de formas de pensar. Cultivam interesse pela aprendizagem, pela política e pela vida. Assumem-se com a idade atual e buscam o equilíbrio afetivo-emocional.

Com base em alguns testes sob a ótica dos progressos da medicina e como afirma Amaral (2000), quanto maior o nível intelectual de um indivíduo, mais suas atividades permanecem ricas e variadas. Essa afirmação foi constatada facilmente nas observações junto aos membros do GRUPATI. Os idosos que se engajam nesse processo educacional realizam potencialidades e melhoram a imagem social da velhice.

Porém, ao lado dessas imagens, encontramos outras deprimentes que não podem ser esquecidas. Nos asilos, nas ruas, idosos anônimos, passivos, com fastio existencial, fantasmas do abandono. Esses rostos da velhice são também facilmente encontrados nas

ruas, praças, no cotidiano de nossas vidas. A falta de humanismo e de respeito às pessoas envelhecidas ainda se faz presente. Faz-se necessária uma tomada de consciência ainda maior da sociedade e também do idoso, acerca de suas capacidades de contribuição para as transformações sociais.

Segundo Dallari (1991), o fato de ter mais idade, de ter-se aposentado não deve implicar a demissão da vida e o começo da morte. Bem longe disso, deve significar a mudança de atividades, a preparação no sentido de aceitar que as atividades serão diferentes e, de maneira alguma, aceitar a idéia de não ter atividade.

Com melhores condições de vida, resultado dos avanços tecnológicos e da medicina, o homem conseguiu acrescentar anos à vida e tem hoje o desafio de acrescentar vida a esses anos. É a maneira com que nos colocamos frente à vida que nos faz viver bem ou mal, e da mesma forma envelhecer bem ou mal. A vida oferece-nos opções e precisamos saber qual escolher. Preparar-se para a velhice significa pensar em novas atividades que poderão ser exercidas, pensar em uma nova vida, integrada na vida social. O reconhecimento do valor da vida solicita a urgência e a necessidade da atuação, com um nível de envolvimento pessoal.

Para os idosos do Projeto GRUPATI, participar deste grupo é a possibilidade que eles têm de melhorar a auto-imagem, retomar a auto-estima e obter um relacionamento familiar a um nível mais elevado.

No GRUPATI, o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser vividos coletivamente. Ao mesmo tempo, é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga como etapas de perdas, frustrações e falta de perspectivas.

As experiências vividas junto aos grupos de Terceira Idade nos oportunizaram a construção e realização desse trabalho. E mais, a certeza de que as pessoas precisam

descobrir que é fundamental ter esperança para se continuar vivendo, independente da idade que se tenha. Não existe idade para sonhar, para realizar, para aprender, para se doar e para amar.

Uma dificuldade encontrada na construção do presente trabalho foi a falta de referencial teórico de grupo durante o curso, sugerimos, então, a inclusão de uma matéria específica de grupo em Serviço Social como disciplina regular ou optativa.

Sugerimos que o Centro de Atividades de Florianópolis do SESC continue sendo campo de estágio, propiciando aos acadêmicos do Curso de Serviço Social a experiência teórico-empírica do trabalho com grupos de Terceira Idade. Só assim terão a oportunidade de conhecer um dos campos mais gratificantes e compensadores do exercício da prática do Assistente Social.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Nilza. Cultura e maturidade. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 11, n. 20, p. 41-55, ago. 2000.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de (org). **Velhice ou terceira Idade?**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990. (tradução de Maria Helena Franco Martins).
- BORDEVANE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).
- COREY, Gerald, et al. **Técnicas de Grupo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. O destino dos velhos em nossa sociedade. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 4, n. 4, p.17-21, jul. 1991.
- FERRIGNO, José Carlos. A ética e a psicologia das relações entre o trabalhador social e o cliente idoso. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 10, n. 18, p. 29-38, dez. 1999.
- KONOPKA, Gisela. **Trabalho social de grupo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Serviço social de grupo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro. Edição do autor, 1987.
- MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos).
- MORAGAS, Ricardo M. **Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.
- MOTTA, Edith. Reflexos da Aposentadoria sobre a questão social do idoso. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 10, n. 13, p. 61-70, abr. 1998.
- NORTHEN, Helen. **Serviço social com grupos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

NETO, Antônio Jordão. A universidade aberta para a terceira idade da PUC – SP. **A Terceira Idade**. São Paulo, v.10, n. 14, p. 39-43, ago. 1998.

PAIVA, Vilma Maria Barreto. Fundamentos psicopedagógicos para uma ação educativa em gerontologia social. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 10. nº 18, p. 39-44, dez. 1999.

QUEIROZ, José Ramos. Barreiras à integração social do idoso. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 10, n. 18, p. 45-57, dez. 1999.

RIBEIRO, Alda. Terceira idade esperança de vida. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 4, n. 6, p. 43-46, out. 1992.

RODRIGUES, Maria Lúcia. **O trabalho com grupos e o serviço social**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SALGADO, Marcelo Antônio. A questão social do idoso no Brasil. **Intercâmbio**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 7/9, p. 05-11, jan/dez. 1990.

SZAJMAN, Abram. O dom da saúde. **Gente Madura**. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 22, jan. 2001.

WEININGER, Ben, MENKIN, Eva L. **Envelhecer e viver**. São Paulo: Brasiliense, 1979.